

CIBEC/INEP



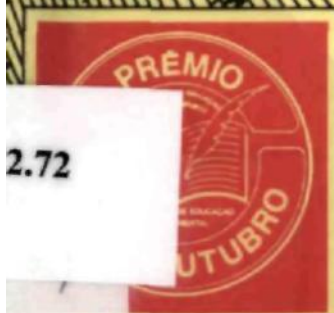
B0023842

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

**VI CONCURSO - 1993
PRÊMIO 15 DE OUTUBRO**

**O Desafio da Repetência
na Educação Básica
Proposta Pedagógica para
sua Superação**



2.72

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidenta da República Federativa do Brasil
Itamar Augusto Cautiero Franco

Ministro da Educação e do Desporto
Murilio de Avellar Hingel



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Secretaria de Educação Fundamental
Departamento de Políticas Educacionais
Coordenação Geral do Magistério

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

PREMIADAS

VI CONCURSO

1993



Brasília, outubro de 1994

Secretário Executivo
Antonio José Barbosa

Secretária de Educação Fundamental
Maria Aglaê de Medeiros Machado

Diretor do Departamento de Políticas Educacionais
Celio da Cunha

Coordenadora Geral do Magistério
Marília Miranda Lindinger

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
"EDUCAÇÃO PARA A PAZ", de Cleonice Terezinha Fernandes Marcondes , do Núcleo Regional de Educação e Fundação do Bem-Estar do Menor , Guarapuava-PR.....	09
"REPETÊNCIA ESCOLAR - Uma busca constante para sua superação ", de Edlamar Oliveira dos Santos, Edlauva Oliveira dos Santos, Maria Verônica da Silva, Marilza Alves Pequenino, Sandra Elane de Souza Lauriano e Zilene Duarte de Lucena, Boa Vista-RR.....	39
"REPETÊNCIA SUPERADA", de Iracema da Costa Baumeyer, Americana-	
"REPROVAÇÃO, PODEMOS REVERTER ESTE QUADRO?", de Jeanine Porto Teixeira, Rio Grande-RS	31

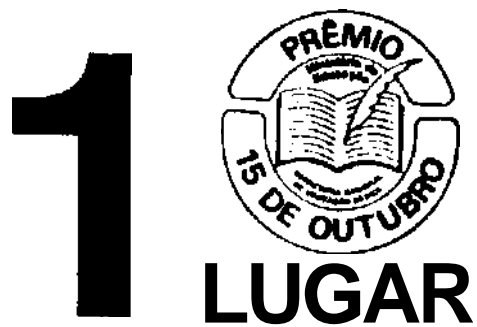
APRESENTAÇÃO

No marco do Plano Decenal de Educação para Todos, a profissionalização e reconhecimento público de valorização dos profissionais da educação é condição necessária à elaboração dos padrões de qualidade de ensino.

O Concurso Prêmio 15 de Outubro, instituído pela Portaria Ministerial nº 524, de 15/10/87, destinado aos professores de ensino fundamental em regência de classe, constitui um instrumento de valorização docente e, portanto, se insere nesta política que a Secretaria de Educação Fundamental/MEC vem desenvolvendo com o objetivo de recuperar o papel social e pedagógico do professor, bem como identificar experiências significativas que contribuam para uma prática, em sala de aula, mais efetiva. O tema do Concurso de 1993, "O Desafio da Repetência na Educação Básica, uma proposta pedagógica para sua superação", oferece, através dos trabalhos premiados, algumas respostas ao desafio nacional da universalização com qualidade e equidade do ensino fundamental.

Esta publicação é o resultado de um esforço conjunto da DEMEC e Secretarias de Educação dos Estados e do Distrito Federal, e, também dos fontes que, com sua participação, demonstraram seu compromisso e crença na educação deste país. A Secretaria de Educação Fundamental sente-se orgulhosa em apresentar à comunidade educacional, mais esta coletânea de textos de professores-autores, valorizando o saber e o saber fazer daqueles que no dia-a-dia fazem educação e registram suas experiências como contribuição aos colegas de profissão, com vistas à assegurar o sucesso escolar.

Maria Aglaê de Medeiros Machado



"EDUCAÇÃO PARA A PAZ"

Cleonice Terezinha Fernandes Marcondes
(Cléo)

Guarapuava
1993

DEDICATÓRIA

AOS MEUS AMIGOS

Educadores e Educandos:

...Pra que nós todos, educadores em potencial, tomemos consciência de quão primitiva é nossa ligação / relação com o Mundo...

Pra mim... este meu pequeno trabalho é um ensaio dentro da visão holística que deve nortear a postura de todo educador / HOMEM / MULHER. ...para ingressarmos inteiros - corpo / mente / espírito - III milênio, acabando com o espectro de homem fragmentado que fomos durante este século. Este riquíssimo século do Vento!

OBRIGADA

Lola Magdalena Lana

Clarice liza Sandra Ligia Regina Luzia

Eglecy Ligia Janes Rose Sandrão

Luz

Lomba Pessoal do NRE Guarapuara Alunos do Hildegard

Lenita Meninos da Casa de Apoio Alunos da Cri-Ativa

- Alunos do Centro-CADEV - APADEVI

Crianças do Projeto da TOCA

Pessoal da Alternativa de Atendimento a meninos e meninas de rua
- Grupo Desafio

"Procès" em especial: Joelson, Jeisa e Bruna

ALBA

Não faz mal que amanheça devagar.
As flores não têm pressa, nem os frutos.
Sabem que a vagareza dos minutos
adoça mais o outono por chegar.
E também não faz mal que devagar
o dia vença a noite em seus redutos
de Leste. O que importa
é ter enxutos
os olhos
e a intenção de madrugar.

(Geir Campos)

PREFÁCIO

A abelha picou a orelha da coitada da ovelha.
A ovelha ficou vermelha e deu um chute na coelha.
A coelha ficou com raiva e deu o milho para seu filho.
O filho piscou o olho e deu o milho para o piolho.
O piolho pegou a abelha e jogou-a numa telha.
Coitada da abelha.
(Cartilha "Festa das Letras" - Dirce Guedes de Azevedo).

Comentário de minha filha, 7 anos, dona da cartilha em tela, a respeito do texto colocado como prefácio deste trabalho: - Mãe, quanta bobagem junto! Já sei, é que ele tinha que juntar tudo que é palavra com lh, né? Mesmo que elas não quisessem se juntar...

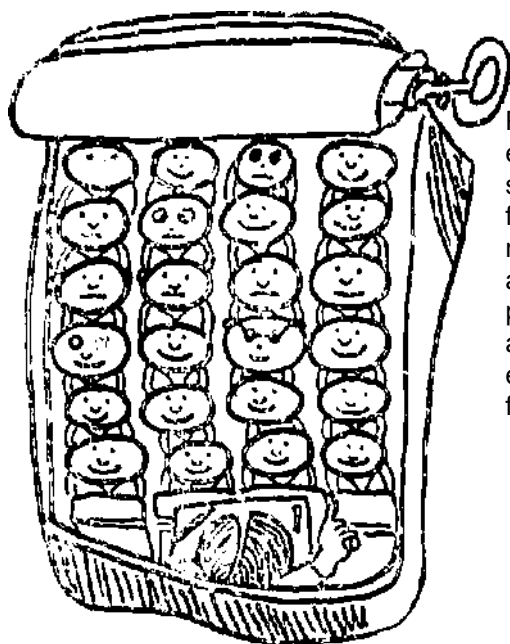
Minha filha, 7 anos
bilhete para a professora



Este anjinho está pra te proteger
Nunca se esqueça que as orações
são pra te proteger sempre.
(porque ia sair de férias)

SUMARIO

	Pag.
INTRODUÇÃO.....	14
DESENVOLVIMENTO	15
Proposta - Segundas Aproximações.....	22
Proposta de Trabalho - Aproximações Finais	25
Encaminhamento Metodológico	27
CONCLUSÃO.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	38



OPÇÃO

Posso educar para a vida como
educar para a morte umedecer a
seiva ativa ou ressecar o impulso
forte É bem mais fácil de cumprir a
missão que castra e cerceia Se
alguém não quer molhar os pés
pode jogar seu grão na areia. Mas
a planta que nasce da terra úmida
e quente e barro e gente dará seus
frutos de contente.

(María Magdalena)

INTRODUÇÃO

Repetência no Brasil. índices alarmantes. Vencê-la: um grandioso desafio. É assustador pensar que as escolas brasileiras e pior, a sociedade como um todo, têm como legítima uma situação altamente discriminatória e contraproducente, como é o caso da "reprovação" escolar. A situação, de tão caótica, torna-se ridícula. Números de repetência escolar ridicularmente gigantescos que nos fazem ser campeões mundiais, perdendo apenas pro Haiti.

Este trabalho visa a levantar uma rápida análise sobre a educação brasileira, o que chamo de semi-educação e propõe algumas saídas tangenciais.

Incorporei também a este pequeno tratado algumas sugestões de atividades que tenho desenvolvido em minha luta no magistério, ao longo dos últimos quatro, cinco anos.

Procurro fazer um enfoque, em nível de operacionalização, dentro de uma proposta interdisciplinar, "fugindo" dos livros didáticos, buscando a riqueza poética da música popular brasileira, dos livros técnicos e literários, jornais e revistas educativas.

DESENVOLVIMENTO

Apresentando-me:

...Por "longos" seis anos fui alfabetizadora. Digo longos entre aspas para explicitar a **demora** que hoje em parece, ao analisá-los. Quão longa foi minha prática dentro de uma postura mecanicista, tradicional, e porque não dizer também, alienada. Alienada sim, pois, a exemplo de outras tantas professoras primárias, desconhecia os fundamentos, pressupostos teóricos de minha própria prática.

Nunca esqueci o episódio a seguir:

Fevereiro de 1984. Entro pela primeira vez numa escola como professora (recém-formada). A então supervisora, também jovem de magistério, muito simpática, avisou-me que como era costume na escola, um combinado entre os professores já "velhos" de casa, eu ficaria com uma primeira série. Espanto! Pavor! Medo! Perplexidade! Nunca havia alfabetizado! Ao ser questionada por mim, quanto ao método de alfabetização (eu não havia estudado **nenhum** na escola de Magistério) respondeu-me alegremente e despreocupada, entregando-me um pequeno manual encardido e surradinho da proposta de Erasmo Pitotto: "Não fique nervosa. Siga estas instruções e vai dar tudo certo. Qualquer dúvida me procure".

Acabei ficando com uma turma que, segundo a escola, era média: alguns alunos repetentes, sendo um deles já há 4 anos na 1ª série - um menino e uma menina, irmãos, de 9 a 10 anos que pediam esmola no centro da cidade. Sala cheia, 38 alunos. Método? O de Erasmo Pilotto, é lógico!

Fomos assim caminhando, aos "trancos e barrancos". Tivemos passagens engraçadíssimas como por ex., uma vez que o José Antonio (ele

era super "esperto" tinha a "manha" da rua) estava no quadro comigo diante de uma lista de palavras com T para tomada de leitura e - (tudo decorado) - quando apontei para a palavra teia (de aranha) ele mais que prontamente gritou - "Ternit, tia", (telha, eternit, ele quis dizer) -. Episódio hilário pra mim hoje, que me deixou, na época, indignada. Onde se viu uma coisa dessas?! Esse menino é atrasado mesmo, não tem prontidão, é imaturo ("qualidades" que eu justificava devido à aura de mitificação que envolve a criança pobre, "carente"). Pensava eu, na época, que bastava levar o desenho de um tatu, destacar a família - silábica do t, (ah! não esquecer de incluir o tão), listar diversas palavras com esta letra inicial e pronto! As crianças todas aprenderiam imediatamente, por repetição, a letra t. Fácil, não é mesmo? Ah! E ter o precioso cuidado de não listar palavras que tivessem letras "**desconhecidas**" de nossa turma. Usava só "letras trabalhadas".

E outras passagens mais, tão igualmente, ou mais ricas. Eu é que não tinha "cabeça" pra aproveitá-las.

Ao final do ano, excetuando as desistências (aliás permitindo-me abrir outro parêntesis pra destacar quanto a escola pública legitima este fato da evasão a ponto de justamente matricular as quase quarenta crianças no início do ano letivo, por estar justamente contando com as ditas desistências) e reprovações estávamos com 29 crianças lendo e sendo aprovadas para a 2ª série. Se todas prosseguiram de fato não sei, era pra mim um detalhe. Havia cumprido minha parte.

Meu descompromisso político social e minha incompetência técnica, frutos da semi-educação que recebi e porque não dizer, herança dos 20 anos de ditadura que vitimaram minha geração, não me permitiam ver minhas falhas, a descontinuidade da proposta curricular a que estava apegada e nem tampouco enxergar a semi-educação que também estava promovendo.

A injustiça maior não foi ter retido aqueles que não **liam** e sim julgar aprovados (inclusive por **décimos**: vejam que **científico!**) todos os 29 que repetiam os medíocres textos da cartilha que usei.

Desconhecia totalmente os processos mentais que envolvem a apropriação do conhecimento pela criança.

Alfabetização matemática? Não deu tempo. Alfabetização é **leitura** e **escrita** de palavras. Educação artística? Dá-se um desenho mimeografado (que é pra ficar bem bonitinho) de vez em quando, é bom já ter pronto que é pra dia de chuva (por que será que as crianças ficam tão agitadas nesses

dias??) Educação física? Não precisa: eles já têm a hora do recreio. Estudos sociais? **As datas cívicas comemoradas** dão conta disso. Ciências? Desenhinhos das estações do ano - (rígidas!) e alguns questionários pra memorizar. Pronto! Importante! Não esqueci de guardar o manual do Erasmo Pilotto pra passar para outra colega, principiante, que com certeza pegará uma 1ª série.

Abril de 1993. Há quase dez anos sou professora. Os episódios descritos anteriormente fazem-me **reavivar** a memória. Sinto tristeza e saudade. Onde estariam hoje, lida e José Antônio que eu, tempos atrás, encontrava na rua pedindo esmolas e que corriam a esconder-se, disfarçados? Lembro-me de jamais ter tocado na questão social (distribuição de renda) acreditando estar sendo discreta e poupando-os de vergonha maior. Havia algumas palavras proibidas: Negro (moreninho é mais suave); favela, meninos de rua.

Ouso colocar no papel minhas angústias do passado e simultaneamente algumas luzes que vislumbro no caminho da educação brasileira, já há 2 anos aproximadamente.

Sinto que cresci. Da menina ingênua, mulher despolitizada, acrítica, transformei-me numa negra (brinco que sou negra desde 1988, ano em que tomei, com meus amigos, consciência da minha negritude e o que isso representaria no Brasil, sem máscaras e inibições e a partir da campanha contra a farsa do centenário da Abolição da Escravatura, levantada pelos movimentos populares) -, consciente, educadora, compromissada com o futuro do Planeta Terra, em todas suas formas de vida.

Tenho algumas contribuições concretas para vencermos a semi-educação, e não apenas a repetência que talvez seja uma de suas faces mais terríveis, mas infelizmente, não a única: a alienação que promove a proposta de individualização (estimulando a competição e não cooperação entre sujeitos coletivos); o tipo de avaliação que executam (classificatória, objetiva, comparativa), andam sem sombra de dúvida, de mãos dadas com o fracasso escolar.

Filosofando...

Precisamos ter claro que o problema da repetência na educação brasileira não pode ser resolvido com soluções técnicas, visto que são problemas políticos, como destaco algumas louváveis iniciativas, a exemplo dos decretos dos governos estaduais, os quais instituem os ciclos básicos de

alfabetização - ampliando o tempo e por conseguinte a oportunidade de permanência da criança pra alfabetização (alguns 2 anos e outros 4 anos) - acabando com a reprovação nas séries iniciais.

A grande questão está no resgate da qualidade da escola brasileira. Resgate? Em se tratando de educação brasileira, falar em resgate de qualidade faz com que algumas pessoas se interroguem. Saliento que segundo historiadores, a educação brasileira, nos anos 60, já teve seus tempos áureos.

Levanto agora alguns pontos para reflexão:

1. Quando, há dois parágrafos, refiro-me a problemas de ordem política, estou falando da estrutura tóda que envolve um País de capitalismo dependente como é o nosso. Obviamente, nenhuma política social, e muito menos a educacional, é capaz de reestruturar ou modificar o modo de produção e a estrutura de classes desse tipo de sociedade. Mas creio que nela há sutilmente junto com a dimensão repressora e reprodutora que lhe é típica, uma dimensão potencialmente emancipatória. Políticas de saúde, educacionais, como salas de leituras (FAE), merenda escolar, criam condições de uma **tomada de consciência** - estão potencialmente embutidas nelas - das condições sociais e econômicas reais, em que vive a classe oprimida, à qual inicialmente elas se destinam. Isso é condição básica, embora insuficiente, para **transformação** desta sociedade, em uma outra mais justa e fraterna.

De qualquer forma, quando não julgo suficiente, achando meramente assistencialistas as soluções técnicas das políticas educacionais, porém, não sou ingênua a ponto de descartá-las, pois vejo em seu bojo, latente, o "vírus" da transformação social - objetivando uma sociedade mais livre e igualitária.

2. A filosofia populista de que a "escola da vida" é melhor, tem hoje muitos adeptos. Parece que a escola atual, organizada como está, com seus testes classificatórios, exames em cima de memorização de dados, não interessa mais a muitos de seus "antigos" defensores e interessados diretos das classes populares. Parece-me importante lembrar que a desescolarização deixa nossas crianças carentes à mercê do que mais hediondo o sistema capitalista dependente, (como os nossos da América Latina) conseguiram produzir: o desemprego, a miséria, a marginalização, a fome, a degradação da auto-estima e da dignidade. Enfim, a deteriorização de todos os valores morais e éticos, que a duras penas a humanidade edificou, como o respeito, a igualdade, a justiça e amor ao próximo.

3. Outro ponto que quero destacar e talvez o mais alarmante está inerente ao conceito de educação: se entendermos por pessoa escolarizada alguém que, mais do que saber ler, escrever e fazer conta, é alguém "efetivamente alfabetizado, informado, politizado, conscientizado de seu valor e de sua responsabilidade no mundo, capaz de trabalhar e construir uma sociedade mais justa" (Bárbara Freitag) então teremos consciência de que o que temos hoje (e não me refiro agora aos 20 milhões de brasileiros até então excluídos da educação formal) é uma semi-educação (pra alguns, pseudoeducação). Refiro-me, com pesar, a alguns colegas educadores infelizmente, (como mostram as redações e textos produzidos pelos próprios professores) e possivelmente, a grande maioria da população brasileira. Isto deixa a todos nós com um medo muito grande e um desafio muito maior que o próprio tema deste trabalho sugere. Mais do que a repetência dos que "ficam", temos que lidar com a "incompetência" dos que "vão". Adorno propõe "a auto-reflexão crítica sobre a semi-educação", como saída para vencermos este impasse. Bárbara Freitag diz: "seria um equívoco acreditar que a semi-educação é o degrau que precede e prepara o acesso à cultura. Assim como uma sinfonia tocada por uma orquestra incompetente, longe de preparar o ouvinte para fluir futuramente a música de boa qualidade, pode deturpar irremediavelmente sua sensibilidade musical, a semi-educação pode obstruir para sempre o acesso da classe trabalhadora à verdadeira educação".

...Já não é sem tempo o "resgate" da qualidade na escola brasileira.

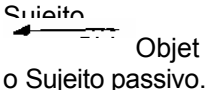
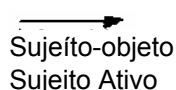
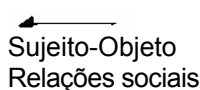

4. Outro mito que precisamos ter desmitificado é o da dúvida dos professores brasileiros sobre a capacidade da criança pobre. Bárbara Freitag expressa-se sobre isso da seguinte forma:

"Mostrei em um estudo realizado em São Paulo que as crianças de favela sem escola e sem programas de apoio governamentais encontram-se defasadas em seu desenvolvimento cognitivo, moral e lingüístico por mais de quatro anos - (na média). Isso significa que, comparadas aos seus pares escolarizados, também provenientes de áreas pobres da periferia paulista, elas não haviam alcançado a competência cognitiva para pensar o seu contexto, desenvolver o pensamento relacionai, abstrair das suas vivências imediatas. Tinham ainda grande dificuldade de se comunicar com outras crianças e deixavam implícitos os significados de seu discurso, preso a uma concepção egocêntrica do mundo, fruto de sua

experiência imediatista em um meio limitado. Em contrapartida, as crianças escolarizadas (tendo vivido 8 anos de escolaridade plena), apesar de provenientes de meios extremamente pobres, apresentavam um desenvolvimento cognitivo normal, comparável ao de qualquer criança de classe média ou alta, em São Paulo ou Genebra. Essas crianças revelaram ter alcançado os patamares do pensamento hipotético-dedutivo e da autonomia moral e uma competência lingüística que as habilitava a se comunicar de forma socializada com seus pares ou superiores, isto é, incluindo, em sua argumentação, o ponto de vista dos outros e transmitindo-lhes aquelas informações de que necessitavam para uma interlocução efetivamente dialógica (Freitag 1984)".¹

¹ FREITAG, Bárbara. Política educacional e indústria cultural. Coleção Polêmicas de Nosso Tempo. Cortez, 2 ed. S. Paulo 1989.

Outra questão que estaria ligada à avaliação seria nosso conceito "burguês" de inteligência. Permito-me estabelecer um breve quadro comparativo entre as principais correntes pedagógicas.

CONCEPÇÃO MECANICISTA	CONCEPÇÃO IDEALISTA	CONCEPÇÃO INTERACIONISTA	CONCEPÇÃO HOLÍSTICA
Idade Média  o Sujeito passivo.	± 1900 em diante.  Sujeito-objeto Sujeito Ativo	(Hoje?)  Sujeito-Objeto Relações sociais ato psicológicos	(Amanhã?)  Sujeito Objeto
VERDADE ABSOLUTA	VERDADE RELATIVA	VERDADE IN-FINITA	EDUCANDO A PESSOA COMO UM TODO, PARA O MUNDO COMO UM TODO. (C. Naranjo)

	1º D -----► A (Desenvolvimento precede a Aprendizagem) Simons e Binet (1905) Teste de Q.I. Aqui surgem testes padrões de medição da "inteligência" individual em "uso" até HOJE.	Aprendizagem=desenvolvimento. Vigotskyi (1930±) (Lúria/Leontiev) Propõe Zona de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento potencial e proximal	A = D F. Capra Junta o analítico e o sintético. Visão sistematicamente integrativa ou orgânica. Transcende as demais. Propõe o Cosmo-centro O Homem/Mulher não é mais o centro do universo.
--	--	---	---

... Aqui ficaria uma pergunta. Hoje a questão é medir inteligência ou medir oportunidade?

Proposta - Segundas Aproximações

Aqui neste espaço, colocarei alguns pressupostos teóricos, princípios norteadores, portanto, de minha intenção pedagógica libertadora.

- Necessário se faz hoje que destaquemos o papel da mídia, da imprensa de um modo geral, no que chamaremos de indústria cultural, na formação de valores de uma população. Quando uma legião de intelectuais aponta a necessidade de TV educativas, culturais é porque indubitavelmente as TV comerciais não estão desempenhando este papel. Realmente, o que temos observado em nossa telinha são programas que trazem "pratos leves", nada que perturbe a mente com grandes questionamentos, que inquiete e nos faça tomar consciência da realidade em que vivemos (exceto o Jô 11 e 1/2!). Normalmente na TV temos distrações e consumo fácil, temas simplificados, vazios de eventuais críticas. Portanto, semi-educação e indústria cultural fazem parte de um terrível círculo vicioso.
- Não podemos também deixar de **rever** nossa prática em avaliação em se tratando do tema REPETÊNCIA. E não acredito que seria tão simplesmente aumentando ou diminuindo médias, que resolveríamos o problema. Facilitando o passar de ano, pensam alguns professores. Acredito, sim, numa mudança profunda de valores, de "pré-conceitos" com relação à medição da inteligência. Professor Nilson José Machado em seu livro Matemática e Educação, pg. 62 diz o seguinte:

"A partir da segunda metade do século XIX, em decorrência, sobretudo, do vendaval positivista, as velas da nau científica inflaram-se, deslocando-a numa orientação caricatamente quantitativa, antiantropocêntrica, tendo como paradigma exclusivo as ciências da natureza pós-galineanas. As ciências humanas - entre elas, a Educação foram acuadas, segundo Ginzburg (1989) em um desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. A Avaliação Educacional afastou-se decididamente de seu caráter venatorio, diagnóstico, assumindo um estatuto científico forte, buscando velozmente a objetividade, a

quantificação, não obstante o risco dos resultados de pouca ou nenhuma relevância"².

Marx, sabiamente, nos diz "A cada um segundo sua necessidade e de cada um segundo sua capacidade".

Cipriano Carlos Luckesi, filósofo e educador nos alerta: "A justiça é tratar todas as pessoas nas suas desigualdades e não tratar as desigualdades como se elas fossem iguais".

Devemos, numa fila de banco, por exemplo, esclarecer com a mesma argumentação um aposentado analfabeto e um advogado que se encontrariam ora pedindo uma informação?

—Falando mais especificamente sobre notas, Nilson José Machado cita Azanha(1969):

"Reunir notas como as de gramática e redação numa nota única de língua, resulta quase tão significativo quanto somar os números que expressam o peso e a altura dos alunos de uma classe, ordenando-os segundo os valores da soma de tais medidas..."³

Este mesmo autor, mais adiante, alegando não ter sugestões a fazer sobre como deveria ser uma possível lei de medidas em educação, sugere que deveriam ser descobertas o mais brevemente possível. Caprichosamente, enquanto as Ciências humanas - entre elas, a Educação - buscavam aproximar-se cada vez mais da objetividade da medida no sentido físico das Ciências Exatas e Tecnologia (para com isso herdar sua respeitabilidade e "cientificidade") - a Física parecia caminhar em sentido contrário, com a Teoria da Relatividade (Einstein). Hoje na Mecânica Quântica, sabe-se que é impossível determinar precisamente posição e a velocidade de qualquer partícula, ou a energia e o tempo.

A certeza - isto é, a confiança no caráter objetivo de nossas percepções e na conformidade de nossas idéias com a realidade ou a verdade - é um sintoma de ignorância ou de loucura (Fernando Pessoa).

2. MACHADO, Nilson José. Matemática e educação: alegorias, tecnologias e temas afins. Paulo, Cortez, 1992.

3. Idem, Ibidem, p. 65.

—Outro ponto que quero destacar é a fragmentação da escola enquanto disciplinas desarticuladas entre si; a própria seriação que entendemos hoje, como natural, seria objeto de questionamentos. Como sabemos, a escola é um reflexo do que pensa a sociedade onde está inserida. Vivemos até pouco mais da metade do século XX, sob a perspectiva (paradigmas) da especialidade. O homem moderno - a luta hoje se faz, por um homem pós-moderno - acabou estudando, se aperfeiçoando, buscando saber **tudo** sobre o **nada**. Especialista em fio de cabelo; completamente ignorante de ser humano / natureza / ecologia. Hoje lenta e sutilmente, os paradigmas estão mudando: não nos bastam mais as ciências e as áreas do conhecimento em total desarticulação. Buscamos um modelo vivo, integrado, uma proposta educacional interdisciplinar que contemple uma criança inteira, enquanto aspectos físico, emocional, cognitivo, social.

uma educação do senso de humanidade.

—Falei rapidamente, dentro da questão Avaliação, sobre o aspecto que aprofundarei agora: **Revalorização** das áreas humanísticas.

Historicamente sabemos que, com o avanço tecnológico científico, houve uma máxima valorização das áreas científicas, exatas etc, em detrimento das humanísticas, justamente pelo pouco teor científico que tinham (debalde a educação correu atrás da cientificidade, e tem corrido desde Comenius, educação Jesuítica as quais usamos **ipsis litteris** até hoje, com suas medidas e avaliações). Valorização esta que, no capitalismo, tem seu canal de expressão via baixa remuneração.

No entanto, a experiência do nazismo, da bomba em Hiroshima e Nagasaki, da guerra fria, da eminência de destruição do planeta; da fome latino americana aceita como infortúnio dos "desfavorecidos pela sorte"; a prisão e morte de Reich, num país que diz o mais liberal do Planeta; os quase 400 anos da escravidão negra brasileira; um Apartheid aceito mundialmente as portas do III milênio, em nome da paz entre os países; são lembranças que alertam para o fato de que só a tecnologia, sem uma orientação política nobre, ética, moralmente (não moralismo) correta, pode ser desvirtuada por qualquer aventureiro, tornando-se ameaça para sobrevivência do planeta.

No livro Megatrends 2000, de John Nabisth e Patrícia Aburdene, há uma chamada para a questão da biotecnologia: segundo estes grandes sociólogos o que a ciência foi para o século XX, a biologia será para o século XXI: "O gênio (gene??) já saiu da lâmpada. É tarde para recolhê-lo... O homem-mulher precisa urgente ter ética e valores para tomar consciência que, feito Deus, está manipulando a vida".

Einstein diz que o homem, quando visto fragmentadamente, torna-se máquina útil e quando resgata sua condição humana enquanto corpo, mente, espírito harmoniosamente desenvolvidos, moral e eticamente, é capaz de tornar-se um ser integral, responsável, fraterno, solidário, ecológico, respeitando todos os tipos de vida.

Proposta de Trabalho - Aproximações Finais

Inicialmente aproveito para congratular-me com Bárbara Freitag, que tive o privilégio de ler pela primeira vez lá uma semana do último dia para inscrição no presente concurso e que, coincidentemente, aponta como **soluções** algumas das minhas tão sonhadas alternativas para melhoria da Educação no Brasil, especialmente para as populações mais oprimidas.

1. Qualificação (capacitação) dos professores, conseqüentemente do ensino. Tal **melhoria** passaria necessariamente pela questão reciclagem permanente e remuneração digna à função. Isto implicaria conseqüente controle da **Qualidade do Ensino**, bem como de toda **comunidade escolar**. Questionários periódicos com o produto da escola - os alunos - visando a longo prazo a autonomia da escola, sua autogerência, a sonhada Escola Cidadã (Moacir Gadotti). Isto seria concretamente em nível de operacionalização, a medição de sua eficiência.

Esta intenção de **controlar** a educação estaria, paradoxalmente, (a longo prazo talvez), a serviço da liberação, do **contracontrole**.

2. Elevar o nível dos programas de rádio, TV, imprensa de um modo geral, entendendo que atingem intensamente consumidores escolarizados ou não. Passar para eles, a quem ironicamente chamo de 4º poder do Estado brasileiro junto com executivo, legislativo e judiciário, a idéia de que não seria mais uma questão de lucro / vendagem e sim uma questão de sobrevivência do Planeta Terra. Vivemos num país onde quase a totalidade dos consumidores acredita piamente que um "danoninho vale por um bifinho" e que "chocolate dá energia". É um país que, além de cruel, está se tornando perigoso.

3. Suscitar discussão no meio educativo, especialmente o secundarista e o universitário, referente ao tema: 1º Grau e sua seriação, aulas compartimentalizadas de 50 minutos, enfim, seqüência e redefinição da grade curricular em sua essência e não superficialmente como temos feito até hoje; desnecessário se faz dizer que esta Nova Educação em proposta, se voltaria,

para o corpo e as emoções, mente e espírito. Utilizando algumas **velhas ferramentas**, as quais seriam desenferrujadas. Proponho, portanto, a revigoração das áreas de Educação Física, Artística e Ensino Religioso, as quais constituem o tripé do que carinhosamente chamo de **Educação para Paz**, acreditando ser a paz individual a base da paz mundial.

—Artística - ... "A exposição à herança literária e artística mundial, com a orientação adequada, é uma herança do coração humano, através do coração, do mesmo modo como a ciência e a filosofia são uma herança da mente através da mente" (Cláudio Naranjo). Destaco também a contribuição da dramatização como oportunidade de conhecimento de nossos sentimentos e expressão autêntica apropriada desse aprendizado. Outro resgate que se faz no século XXI é a superação da nossa visão ocidental do trabalho manual -artesanal; sabe-se hoje que esse tipo de atividade tem função psicoterapêutica, desabrochando virtudes profundas como a paciência e a satisfação -compreender seu lado interior, (vide Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen) é um grande desafio para nós, estéreis e frios - consumidores capitalistas.

—Educação Física - Reconheçamos que a educação física de que precisamos vai além do treinamento de aptidões físicas e esportes. um tipo mais sutil de trabalho corporal, na visão reichiana de "quebra de couraças", que proporcionasse resultados psicológicos e espirituais. um exemplo brasileiro (tempos na América do Norte e Europa, Feldenkrais e a Eufonia) é a ginástica proposta pelo Probiótica, que é uma ginástica simples (ou anti-ginástica talvez a definisse melhor) que tem a função preventiva e terapêutica de devolver ao nosso corpo a beleza infantil e a ordem natural - intestinos, respiração, etc. Tal trabalho, que tem suas raízes no Yoga, desenvolvido a nível de sala de aula, poderia devolver a função maior ao estéril estudo da anatomia humana, perdida na forma como nós procedemos na escola, cuja função é de vencer o currículo; que seria melhoria da qualidade de vida do educando. Estudar o sistema respiratório por exemplo, sua ligação com todos os meridianos energéticos do corpo físico, para na verdade "ensinar" o indivíduo a respirar cotidianamente, reeducando esta função que quando bebês, perdemos no contato com o mundo **civilizado** dos adultos e não para responder nomes e funções dos órgãos numa prova.

—A religião é um aspecto da natureza humana e nenhuma educação pode dizer-se inteira (Holística) se for deixada abandonada. No entanto, o momento atual não condiz mais com uma abordagem provinciana e dogmática. É hora de oportunizarmos uma visão transcultural das questões ligada à espiritualidade. Para as crianças pequenas trabalharíamos com atividades de significado espiritual como apreciação da natureza, artes, artes manuais. dança, trabalho corporal, contos e mitologias. Para os adolescentes um bom começo seria a prática da **concentração**, visando à clareza, calma, liberdade,

despreendimento, amor, altruísmo. Requer aqui fazer uma menção honrosa ao trabalho desenvolvido pela ASSINTEC - Associação Interconfeccional de Educação de Curitiba-Paraná, que desenvolve um trabalho na formação de professores dentro da pedagogia religiosa, dentro desta linha aqui discutida.

Para essas três áreas acima, proponho ampliação de seu tempo semanal, condição básica para promoção de sua qualidade.

Estudo-proposta de aulas compactas.

4. Resgate das disciplinas humanísticas de sociologia, filosofia, antropologia em âmbito de 1º grau.

Encaminhamento Metodológico

As soluções que ora proponho, como já disse, são paliativas, diante de nossa própria estrutura social de capitalismo dependente.

A minha contribuição mais concreta, no entanto, estaria ligada à solução número 1, referente à **qualidade**. Seria **objeto** da capacitação permanente (não gostaria de usar o termo treinamento) que proponho como condição básica para falar-se em **solução da síndrome da repetência**, na educação básica brasileira. Proponho, para tanto, um tipo de **organização** diferente das aulas. Seriam pequenos **projetos** de trabalho, articulados com o rol de conteúdos eleitos pela escola como prioritários. Seriam aulas com intenção de **interdisciplinar** assuntos, ligando as diversas áreas do conhecimento. Não se concebem mais tipos de aulas em que o professor pára tudo e diz: "Agora é aula de matemática". Vira-se para o quadro e passa problemas. Mudança viável especialmente de 1ª a 4ª Série onde temos o **privilégio** de ter um único professor-articulador.

A partir de 1989, venho tentando **dolorosamente** colocar em prática o que venho estudando e descobrindo, através de seminários, simpósios, cursos, livros, estudos referentes a elaboração do currículo básico da escola pública do Paraná, desde 1987.

Digo dolorosamente porque precisei refazer conceitos, opiniões, verdades, admitir que não sabia nada mesmo.

Tive que redefinir em minhas entranhas meus mais arraigados valores acadêmicos, visceralmente implantados em mim, a respeito do que seria a função básica da escolaridade do ensino de 1º Grau - elementar e fundamental - destacando, então, seu caráter alfabetizador. Deve levar o aluno

a saber fazer resumo-síntese da idéia principal de **um texto**; **produzir** um texto original; emitir opinião dentro da linguagem gramatical a respeito de um tema estudado; conhecer a verdadeira história de seu país; dominar (entendendo a lógica) as operações fundamentais, linguagem gráfica (produção e leitura); conhecer a geografia humana de seu país, respeito as diferentes culturas humanas, lembro que os pais são os maiores fiscais-defensores da educação tradicional: cobram conteúdos pela quantidade e capacidade de memorização, atitude justificável pela história da educação no Brasil, configurando-se grande empecilho nas mudanças propostas pela ala progressista dos profissionais do magistério.

As atividades que proponho a seguir são frutos dessa experiência dos últimos 5 anos. Bastante diversificada no trabalho com deficientes visuais, escola pública, particular, projetos alternativos de educação ligados à favelas e meninos de rua.

Escolhi algumas delas para ilustrar o trabalho. A tônica desta proposta é justamente resgatar a interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento. Entendo interdisciplinaridade como utilização de um mesmo assunto-tema atendendo as diversas áreas, que surgem naturalmente, sem perder, no entanto, o objeto de cada uma. Resgatar o caráter pedagógico e lúdico da escola, permitir a criatividade artística inerente a todos nós e, muitas vezes, bloqueada pela formalidade da escola atual. Há quem afirme que a arte será a redentora da escola do futuro.

Seguem algumas sugestões:

Atividade 1 - Planeta

Montagem: um sistema de numeração, uma escrita, uma contagem de tempo, diferentes do nosso.

Procedimento: Dividida a turma em 5-6 grupos, a grande problematização da atividade consistiu em estudarmos a história da escrita (desde linguagem pictórica até alfabética), dos números (passando por diversos tipos de algoritmos, contagem em diferentes bases) e da tentativa do homem de marcar o tempo, ao longo da história da humanidade - para que ao longo de 3 meses eles tivessem oportunidade de montar o planeta (em sucata) e apresentá-lo aos demais grupos.

Áreas Integradas: Educação Artística, Matemática, Português, Ensino Religioso, Geografia.

Fontes de Pesquisa: Cadernos MEC: "Menino, quem foi teu mestre? - Pré-Escola I e II; Coleção Vivendo a Matemática.

Textos poéticos utilizados: O Papalaqui não tem tempo; Os Mendigos - Magdalena Gastelois

Atividade 2 - Jogo da Malha

Procedimento: Riscando o chão em pequenos diagramas, atribuem-se valores com cores diferenciadas nos mesmos - para indicar perda ou ganho - onde as equipes deverão jogar bolas de meia.

Objetiva construir a idéia de números negativos e operar com eles.

Áreas Integradas: Matemática/Educação Artística/Educação Física/Língua Portuguesa

Fontes de Pesquisa: Regina de Buriasco - UEL

Atividade 3 - Discutindo a propaganda

Procedimento: Atividade onde os alunos, munidos de cola, tesoura, pincel, cartolina, revistas e jornais, fazem recortes de slogans deixando um espaço para crítica e caricatura da própria idéia. Apresentação no grupo - exposição na parede.

- Produzir textos a partir das montagens.

Áreas Integradas: Educação Artística/Português

Atividade 4 - Jogos de Cooperação

Procedimento: Em pé sobre suas cadeiras, todos os alunos teriam que se ordenar a partir de um combinado: o peso, a idade, a altura, sem descerem das cadeiras. Levantamos questionamentos riquíssimos sobre a idéia de jogos que lidem com a cooperação - a segurança, o respeito, o auxílio.

— **Varição:** qualquer tema **que** leve à ordenação. Confecção e organização de gráfico de barras comparando as alturas conseguidas. Chamei atenção pelo fato deles nas cadeiras já serem as próprias colunas.

Áreas Integradas: Educação Artística/Física e Matemática

Fontes de Pesquisa Dinâmicas para a Paz - Maria Dollores Campos Rebollar

Atividade 5 - Geometria Humana

Procedimento: Após assistirmos ao vídeo: "O Pato Donald no País da Matemática", iniciamos a experiência da medição da altura/envergadura de cada um. Fizemos comparações, estabelecemos um gráfico de barras para melhor visualização.

Áreas integradas: Matemática, História, Educação Artística

Fontes de Pesquisa: Coleção Vivendo a Matemática.

Atividade 6 - Máquina de Post

Procedimento: Linguagem Post é uma pequena tira de papel que simula a dinâmica do computador. Cada aluno faz seu programa e a caneta é o cursor. Destaco esta atividade porque o encantamento deles é incrível!

Áreas Integradas: Educação Artística, Matemática e Português

Fontes de Pesquisa: O que é cibernética - Primeiros Passos; Prof. Nilson Machado - II EPREM - Encontro Paranaense de Educação Matemática. 1990.

Atividade 7 - Decifrando Mensagens

Procedimento: A exemplo dos códigos matemáticos que são mensagens cifradas - sempre propunha nas aulas que os alunos decifrassem mensagens (embaralhava o alfabeto, criando lógicas secretas para serem desvendadas), - destaco como uma atividade com que eles se identificam muito.

Áreas Integradas: Matemática, Português, Educação Artística

Fontes de Pesquisa: Projeto Alternativo de Matemática: Ahá, a coisa e Cia.

Atividade 8 - Jogo do Nunca

Procedimento: Este jogo consiste em trabalhar com agrupamentos e trocas diferentes da base decimal. com palitos, dados e elásticos em grupos vão construindo a dinâmica do sistema decimal que é valor posicional - base 10, valendo-se de outras bases (5, 6, 3 etc). Explora-se também o sistema binário que é a base do computador.

Áreas Integradas: Matemática/História/Geografia/Língua Portuguesa/Educação Artística/Educação Física/Ensino Religioso.

Fonte de Pesquisa: Currículo Básico da Escola Pública do Estado do Paraná.

Atividade 9 - Cantando o Vira-Bosta

Procedimento: Música Vira de Renato Teixeira.

Esta bela **poesia** traz em seu bojo uma incrível sátira sobre a cidade de São Paulo. O trabalho consistiu em ilustrá-la; mapeá-la; reescrevê-la; dramatizá-la; levantar maquete e pesquisa da região de maior poluição (a boca do lixo) de nossa cidade. Enfim, ela é Ciências, Geografia, Matemática.

Obs.: Meus alunos (adolescentes **saudáveis**) ficavam mudos quando eu, em meio à balbúrdia do dia-a-dia, começava a cantarolar esta canção. Meu **grande recurso**. Safada **chantagem**.

Áreas Integradas: Educação
Artística/História/Geografia/Matemática/Ensino Religioso

Fontes de Pesquisa: Regina de Buriasco - UEL - Londrina - PR

Atividade 10 - Gnomos de Gnu

Procedimento: Esta atividade consiste em, após leitura do livro de Umberto Eco e Eugênio Carmi, intitulado "Gnomos de Gnu" levar-se os alunos a recriarem as cenas sob sua ótica. Destaque: as ilustrações do livro são abstratas, propostas com algodão, corroses de tinta, papel colorido e de embrulho, latinhas sucata. Por esse motivo não melindram as pessoas por não estarem diante de um desenho **esteticamente belo**.

Obs.: O livro em questão é um belíssimo tratado ecológico:

Eugênio Carmi - pintor italiano, sobre si mesmo: "Fabricante de imagens".

Umberto Eco (O Nome da Rosa), se auto-define: "Fabricante de palavras"

Áreas Integradas: Língua
Portuguesa/História/Geografia/Matemática/Educação Artística/Ensino Religioso.

Atividade 11 - "Escultura Moderna: O Homem do Século XX"

Procedimento: Após assistirem ao vídeo: "Arte o que é para que existe" meus alunos tiveram, (foram literalmente desafiados) que esculpir (em cola, jornal, revistas velhas, massa de modelagem) o modelo do homem contemporâneo.

Trabalhamos com o imaginário do homem moderno. Saíram: bebês fumando, crianças **hediondas**, frutos da fome e miséria; corpos de homem e mulher com cabeça de propaganda... um HORROR!

Belíssimo questionamento!

Áreas Integradas: Educação Artística/Língua Portuguesa/História/Geografia/Ensino Religioso.

Quero salientar que as atividades que ora compreendem este trabalho, foram escolhidas entre tantas outras práticas, para ilustrar o tipo de ação que hoje acredito venha atender a proposta de inter-disciplinaridade. Não seriam, no caso da arte - educação especialmente, atividades **curtas** que acabariam em 50 minutos. São empreendimentos artísticos que levam estudo e elaboração. No caso da matemática, que seria a minha área de formação, mudo o enfoque da memória para a construção utilizando muito o recurso de jogos e brincadeiras.

Costumei usar também, no início de cada aula, no 2º semestre do ano passado (5ª série) 30 minutos de aquecimento com dinâmicas de grupo - sempre objetivando desbloqueio e cooperação, bem como auto-avaliação, nas aulas de uma série na área de matemática, quando lecionei.

Inovações:

- a. Passamos a discutir com o grupo as avaliações e fazer algumas em **dupla**.
- b. Minhas aulas todas nesta 5ª Série, no ano de 1992, foram compactas: em blocos de 3 e 2 aulas, sendo que por poucas vezes tive a experiência de 5 aulas juntas. FANTÁSTICO!! Especialmente por se tratarem de projetos de trabalho.
- c. Outro destaque que faço é a dinâmica do trabalho desenvolvida em grupos. Segundo Carl Rogers, os grupos podem ser a

invenção mais importante de nosso século. O futuro dirá. Usá-los como base para a situação do ensino: aprendizado da colaboração, facilitador da comunicação honesta, recurso fundamental de uma educação para a PAZ. Dirigir um grupo com habilidade pode significar o restabelecimento da autoestima de nossas crianças, libertação de seus e de **nossos** medos, e a grande possibilidade de trabalhar com a ambivalência infantil de nossos jovens, possivelmente herança de pais emocionalmente imaturos, infelizes.

- d. A música e a poesia aparecem como métodos para desenvolver a intuição, embora para tal objetivo, a "música se destaque entre todas as expressões criativas de maneira equivalente à matemática entre as ciências". (Cláudio Naranjo). A música é a "matemática sensual" (Polyani).

Cláudio Naranjo, cita uma experiência entre os húngaros que, há duas décadas, foram os pioneiros na educação musical e observaram inúmeras conseqüências benéficas nas crianças.

- e. Outra novidade seria o trabalho com modelagem matemática. Os modelos seriam temas ou eixo-temáticos e para serem desenvolvidos, se teria que explorar toda a matemática implícita neles.

Em 1989, lecionei numa 7ª Série, utilizando esta metodologia. um dos temas escolhidos pela turma foi saneamento básico de um bairro. Os custos de levar-se água tratada (inexistente na época) para a vila de origem da maioria dos alunos. Na fase inicial, já aparecem problemas a serem solucionados como: extensão da terra, volume de água, distância da estação de tratamento, gastos com material necessário. Este trabalho consta como um dos integrantes da tese do Prof. Dr. Dionisio Burak - UNICENTRO - Meu amigo e conterrâneo.

- f. Gostaria de chamar a atenção para o uso de maquetes, com sucata, dentro de uma visão contrária da euclidiana (que seria do ponto para o espaço) no que se refere à Geometria. A abordagem que as maquetes possibilitam é do espaço (tridimensional) para o plano. Fazer maquete do bairro, por exemplo, ir aprimorando até chegar no mapa (noção de escala/ampliação/redução) e na planta baixa. A grande riqueza deste trabalho é a exploração da criatividade artística; do espaço

geográfico e suas contradições (Geografia), enfim, uma verdadeira interdisciplinaridade.

Finalizando, dentre as atividades que desenvolvo e não referenciei no rol ora apresentado, quero destacar a produção de textos e sua reestruturação. Entendo hoje que a jogada seja abolir os estéreos exercícios de "siga o modelo" e gramática "secos", dissociados de um contexto, sob pena de nossos alunos, à exemplo da grande maioria do povo brasileiro **escolarizado**, continuarem não sabendo escrever espontaneamente, com a mesma fluência com que falam. Admito que não é fácil pensar em **brasileiro** e escrever em português como diz Augusto Boal; por isso é emergente começar a produzir escritos com nossas crianças e jovens, para que tenham um referencial, um ponto de partida, resgatando a principal função social da escrita: escrever alguma coisa sobre algo para alguém.

Finalmente quero dizer que dentro de minha experiência, percebi que todas as atividades podem ser aplicadas com diferentes turmas, de diferentes faixas etárias. Basta aquecer o grupo receptor, graduando a complexidade da argumentação. Aliás, adulto gosta muito de BRINCAR. Pena que tenhamos esquecido este DETALHE!

CONCLUSÃO

Concluo pensando que, felizmente, acredito no potencial humano.

Bárbara Freitag em seu livro Política Educacional e Indústria Cultural, cita Adorno pg. 66: "Para que a educação volte a ser um processo de assimilação e elaboração da experiência pela consciência, sem heteronomia, isto é, sem a determinação externa de um sistema religioso incondicionalmente aceito ou de um programa de televisão assistido com a finalidade de preencher o vazio deixado pelo desaparecimento da religião, é preciso que se evite a tempo o bloqueio das consciências, sua calcificação definitiva. Para Adorno, o enrijecimento das mentes pode ser evitado quando precocemente combatido, reforçando-se na criança ainda pequena, a reflexão crítica e preservando-se, para o adulto, um tempo e espaço vazio para refletir em suas horas de lazer".

O grande questionamento que pretendi deixar é: Será que aqueles conteúdos que tanto reprovam na escola, especialmente seus bancos de dados enciclopédicos, realmente permanecem com a pessoa para o resto da vida? Quantos de nós, **aprovados** pelo sistema educacional, faríamos as

testes propostos por nossos colegas a seus alunos, nas mais diversas áreas do conhecimento?

A escola precisa vencer a hipocrisia de suas verdades inquestionáveis.

A quantidade de conhecimento que adquirimos de uma área de conteúdo geralmente não está relacionada a um desempenho superior em uma ocupação, escreve o professor Kilpatrick. Segue ele: "A maior parte das ocupações requer apenas que um indivíduo esteja disposto e seja capaz... Não é a aquisição de conhecimento ou o uso do conhecimento que distingue o executado destacado, mas sim as habilidades cognitivas **que** são desenvolvidas e exercitadas no processo de aquisição e uso do conhecimento".

Fica a pergunta: Porque a repetência, então?

A repetência é pra mim um ato brutal de violência. Não serve para absolutamente nada. Destrói a autoestima do aluno, fato que é agravado pela família, de forma verbal explícita - (Nosso filho é burro mesmo, preguiçoso, fraco de cabeça) - ou não-verbal, lido em atos falhos e manifestos - (as vezes mais sutis e pejorativos e terríveis do ponto de vista da possibilidade de cura posterior pra formação da personalidade).

A reforma educacional dentro do sistema escolar patrocinado pelo governo virá naturalmente, com a difusão e o aperfeiçoamento da consciência na população e, particularmente entre os profissionais envolvidos. A revolução de hoje é o sistema de amanhã.

De qualquer forma, dentre as políticas sociais, a política educacional é a "que menos previsibilidade permite, deixando para o futuro imensos espaços de liberdade". (B. Freitag).

Acredito no "suave poder dos pequenos", afinal, como diz Margareth Mead, "cidadãos conscientes e participativos, mesmo que em minoria, podem mudar o mundo aliás é o que sempre acontece".

Por isso a proposta que trago, a mensagem que deixo, é em nível **micro**: capacitação dos indivíduos - educando os educadores; mudança de mentalidade - aprendendo a aprender, como já disse anteriormente: crendo que a paz individual é a base da paz mundial.

SÓ ISTO!... TOTALMENTE ISTO!...

E
D
U
C
A
N
D
O
P
A
R
A
A
P
A
Z

BIBLIOGRAFIA

1. BRANDÃO, Dênis e CREMA, Roberto. Visão Holística em Psicologia e Educação. Sumanus Editorial. 1991.
2. CAPRA, Fritzof. O Ponto de Mutação. Cultrix. 1982.
3. CAPRA, Fritzof. O Tao da Física. Cultrix. 1983.
4. Currículo Básico da Escola Pública do Estado do Paraná. SEED-PR 1990. construindo a Escola Cidadã - SEED/PR - (Moacir Gadotti e Eronita Barcelos). 1992.
5. ECO, Umberto e CARMI, Eugênio. Os Gnomos de Gnu. Editora Ática. **1992**.
6. FREITAG, Bárbara. Política educacional e indústria cultural. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1989.
7. FREITAS, Lia. A produção de ignorância na escola. Série 1 - Escola - Volume 1, Cortez, São Paulo, 1989.
8. MACHADO, Nilson José. Matemática e educação: alegorias, tecnologias e temas afins. São Paulo, Cortez, 1992.
9. SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico - crítica: primeiras aproximações. 2ª edição, São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1991.



Repetência Escolar
uma busca constante para sua
superação

Ministério da Educação e do Desporto:

Pseudônimo do grupo: DESAFIO

Boa Vista - Roraima
1993

ÍNDICE

Introdução	43
Desenvolvimento	45
Dados estatísticos e análise	48
Conclusão	54
Bibliografia.....	56

Introdução

A evasão e a repetência escolar têm sido no Brasil motivo de grande preocupação, bem como alvo de estudo e debates de educadores, de pais e de autoridades responsáveis pela área.

Pretende-se neste trabalho discutir essa temática, enfatizando dentro do contexto da educação brasileira, a roraimense e, de forma mais restrita, a que se refere à capital Boa Vista, no período de 1989 a 1992, em quinze (15) escolas públicas que ministram educação básica (1ª a 4ª série).

A importância do trabalho dá-se a partir da série constatação de que das 100 crianças que se matriculam na 1ª série, quase a metade não chega à 4ª série, o que nos fez questionar:

como se dá o processo pedagógico em nossas escolas?

A educação básica tem atendido e está aliada à classe popular?

Será que o professor que trabalha com educação básica tem consciência dessa realidade?

Será que a escola fundamental tem clareza de seu papel político-pedagógico frente à sociedade em transformação?

Qual a responsabilidade do Estado?

Partindo da reflexão sobre essas questões, o grupo objetiva a discussão e o levantamento de dados que evidenciem as causas e as conseqüências desse alarmante descrédito na educação básica, no que se refere à reprovação.

A partir dessa etapa serão apresentados subsídios teóricos que fundamentam a defesa por uma educação a favor da classe popular e algumas experiências de escolas que estão buscando a redefinição de seu papel, como a Escola em que trabalhamos, que tem buscado na metodologia construtivista respostas para rever essa problemática, discutindo constantemente seu projeto pedagógico, pois considera a escola um espaço efetivo de construção do saber coletivo.

DESENVOLVIMENTO

Todos os anos as escolas recebem um grande contingente de alunos. Tais crianças trazem consigo experiências de realidades diferentes que a escola, por sua vez, procura nivelar, ignorando que as crianças não são iguais. Para algumas, a escola é uma parte das atividades de formação, é a continuidade de sua casa. Para outras, a escola é tudo. A desigualdade se estabelece logo que a criança chega à escola.

O que se pode constatar é que a maioria de nossas escolas está distante da realidade dos alunos e, ao considerá-los num mesmo nível, deixa de valorizar a experiência que cada um traz consigo ao chegar à escola, criando assim uma situação de inferioridade. Tal afirmação pode ser fundamentada nas colocações de Maria Teresa Nidelcoff, quando ela diz: "As crianças provenientes das classes mais pobres geralmente vivem uma permanente situação de inferioridade em relação aos seus colegas das classes mais privilegiadas."

Considerando-se essa pré-determinação existente na escola e o descaso ou pouca importância da realidade em que estão inseridos alunos e professores, o processo ensino-aprendizagem torna-se uma rotina em que a supervalorização da cultura burguesa vai existir sempre, expressando a ideologia da classe dominante numa total desvinculação de escola e realidade, reproduzindo assim a desigualdade social.

A situação anteriormente exposta não é favorável nem ao professor nem ao aluno, pois ambos fazem parte do mesmo segmento social e, muitas vezes, desconhecem a necessidade e importância da consciência de classe e da mobilização social.

Semelhante à citação anterior, Claudius Ceccon, em seu livro **A Vida na Escola e a Escola da Vida**, afirma que "Na verdade a escola não passa de peça de uma engrenagem ainda maior, que é a sociedade em que

nós vivemos". Revelando-se uma sociedade injusta, porque não é democrática, não serve à maioria desprivilegiada. Essa relação escola-sociedade tem um papel importante, pois segundo Maria Teresa Nidelcoff, em **uma Escola para o Povo**, "existe uma evidente correspondência entre o rendimento escolar e as relações sócio-econômicas de vida", e isso se constata pelo número de alunos que reprovam ou abandonam a escola: o índice não atinge igualmente as diferentes camadas sociais, pois o fracasso é maior entre as camadas mais baixas e ratifica-se essa constatação numa outra colocação de Maria Teresa Nidelcoff, quando ela diz "O triunfo se confirmará àqueles a quem a sociedade forneceu meios para triunfar. E o fracasso geralmente confirmará o desprezo àqueles que a sociedade condicionou como inferiores."

Diante disso, o que se percebe é que a maneira como a escola está organizada não atende aos anseios dos alunos das classes populares. Eles são corrigidos o tempo todo, pois na escola tudo difere daquilo que lhes é comum como a forma de falar, seu comportamento, seus anseios e preocupações. A escola não os estimula conhecer o meio onde vivem e os acontecimentos dos quais fazem parte. Dessa forma, a educação revela-se incompetente e alienada, tanto no que concerne à transmissão e assimilação de conhecimentos, quanto na formação da cidadania, pois de acordo com Paulo Freire, em **Educação como Prática de Liberdade**, "não se consegue fazer ciência sem consciência".

É importante ressaltar a qualidade de ensino oferecido pela escola. Atualmente observa-se ser precário desde a formação do professor, como muito afirma Ezequiel Theodoro da Silva em **O Professor e o Combate à Alienação Imposta**: "Nestes 20 anos de ditadura, a classe dominante tomou especial cuidado em frear e congelar o trabalho conscientizador do professor. A burguesia estatal, principalmente a legislativa e administrativa, foi pouco a pouco sufocando as funções mais críticas do magistério através de mecanismos controladores e repressivos."

Somos concordes com o autor que apresenta as situações como manobras que entre outras levam à coisificação do professor. Assim, a prática pedagógica é impossibilitada de ser exercida em prol de uma educação libertadora que, conseqüentemente, repercutirá no desempenho do aluno; este receberá conteúdos que não atenderão seus objetivos, acarretando desestímulo, reprovação e/ou evasão. Reinaldo Matias Fleuri, em **Educar para quo?**, afirma que repetência e evasão acontecem pelo fato de "a ação do professor, na maioria das escolas, limitar-se a transmitir e corrigir, onde o processo educativo se desenvolve através de momentos estanques sem elos

de continuidade e desconectados em termos de progressão na construção do conhecimento."

O sistema de notas como avaliação é arbitrário, pois as notas são atribuídas através de critérios vagos e confusos, havendo uma valorização tão somente do fator intelectual, sem priorizar o desenvolvimento das atitudes; a promoção individual deve prevalecer acima de qualquer outro valor. Sem isso, o professor colabora na reprodução dos elementos que fazem acontecer as contradições na sociedade, reafirmada essa constatação no que diz Danilo Gandin em **Escola e transformação Social**: "A escola com sua avaliação classificatória contribui para separar, cada vez mais, as classes sociais e a avaliação assim serve para excluir as crianças da participação". Isto revela a arbitrariedade e o autoritarismo que estão presentes no próprio planejamento de ensino, "...onde a avaliação tem a função seletiva e discriminatória das notas, acarretando sérios prejuízos sociais que decorrem da reprovação de estudantes das classes populares", conforme Jussara Hoffmann em **Avaliação, mito e desafio - uma Perspectiva Construtivista**.

O fracasso escolar, principalmente dos alunos de classes sociais rotulados como inferiores, deve-se em grande parte à desvalorização da educação, pois vivemos em uma sociedade onde educação não é prioridade e a escola é apenas parte integrante dessa sociedade injusta e desigual onde os mais pobres são marginalizados de forma semelhante, tanto nas relações de trabalho quanto na participação da vida política.

Por outro lado, há o Estado que, além de não apresentar uma política educacional séria, voltada aos interesses da classe popular, traça detalhadamente as estratégias e manobras que visam à coisificação do professor, como a desmobilização da categoria, a compartimentalização e a desvinculação entre o real e o ideal.

Discutiu-se a qualidade de ensino público que, atualmente, gera mais fracassos que sucessos.

A busca de soluções para os fracassos na educação, entendemos que deve ser constante. É preciso priorizar a qualidade de ensino, pois "... é certo que de pé no chão também se aprende", conforme citou Dinorá Fraga da Silva em seu **Para uma Política Educacional da Alfabetização**. No entanto, entendemos que é dever do Estado organizar e prover um ensino de boa qualidade.

A lei máxima assegura que a educação é um direito de todos; o que se confirma na prática é que isso é privilégio de poucos. Segundo o censo de 1980, de 23 milhões de pessoas, entre 7 e 14 anos, quase 7,6 milhões (32,9%) não estavam freqüentando a escola naquele momento (Coletânea CBE Escola Básica). E dessa maioria desprivilegiada, os que conseguem matricular-se, geralmente são reprovados ou se evadem. porque a escola pública não oferece condições para a permanência do aluno durante a escolarização.

Dados estatísticos e análise

De acordo com pesquisa feita na Secretaria de Educação de Roraima, pôde-se verificar a evolução da matrícula inicial no ensino de 1º grau em 15 escolas de Boa Vista, capital do Estado, no período de 1989 a 1992:

1ª série em 1989 - 2555 alunos

2ª série em 1990 - 1875 alunos

3ª série em 1991 - 1805 alunos

4ª série em 1992 - 1579 alunos

Os dados acima mostram que a escola pública em Boa Vista não consegue reter as crianças na escola, apresentando sucessivas perdas de alunos, ao longo de quatro (04) anos.

Apesar de os dados locais mostrarem uma diferença pequena em relação aos nacionais, o número de alunos fora da escola é alármente, cabendo um esclarecimento: o Estado de Roraima sofreu uma intensa migração em função da atividade garimpeira que proporcionou uma grande demanda de matrículas por parte dos filhos dos migrantes. Para fins estatísticos, os números oscilaram muito. Embora tendo um número elevado de matrículas novas, a evasão ocorreu em demasia, bem como a reprovação. Isso confirma a inadequação da escola à realidade. Enquanto o período chamado "Corrida do Ouro" fornecia uma série de subsídios e questionamentos gerados pelos constantes conflitos entre índios e garimpeiros, população local versus migrantes, valor real da moeda corrente, entre outros, a escola se manteve à parte. Fermentavam-se diariamente informações tanto dos alunos-migrantes, como da comunidade local. E muitas vezes, esses alunos assumiam conceitos e noções baseadas no comércio garimpeiro. Os

valores foram murtas vêzes invertidos - o ouro valeu mais do que qualquer outra coisa - e a escola permaneceu imutável e distante dessas discussões.

Ocorreram fatos históricos que se tornaram marcos para o desenvolvimento local como o aumento demográfico e, numa contribuição negativa, muitos alunos deixaram de lado os estudos, aventurando-se com familiares em busca de ouro nos garimpos.

Diante desse quadro, percebe-se a necessidade da oferta de vagas nas escolas e condições materiais e humanas que proporcionem ao educando uma permanência na escola, no decorrer de sua formação.

No que se refere à formação do professor, há uma necessidade premente de reciclagem, melhoria de salários e incentivos que estimulem o profissional em educação buscar fundamentos teóricos visando ao repensar de sua postura enquanto educador. "Sempre que aumentarem a compreensão teórica e o conhecimento da realidade, os grupos e as pessoas aumentam sua capacidade de realizar uma ação transformadora." (Danilo Gandim, op. cit.)

Enquanto se buscam essas melhorias, acredita-se que cabe ao educador uma postura política comprometida com a melhoria do ensino e, conseqüentemente, com a transformação social. Segundo Claudius Ceccon: "Mexendo a escola estaremos mexendo a sociedade". E Lia Rosemberg acrescenta "Só a mobilização da sociedade transformará a educação em prioridade nacional, num investimento para a superação da pobreza no país."

Acredita-se que não se deve esperar mudança educacional sem que lutemos por isso. "Este é o momento de destruição do cerco ideológico, de superação, de libertação, de politização na busca de uma nova filosofia política e econômica da educação." (Ezequiel Theodoro da Silva op. cit.) Este compromisso deverá ser assumido pelos educadores que lutam por uma pedagogia onde educador e educando sejam construtores de um conhecimento mais significativo e que proporcione ao homem uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e espaço. "Porém não individualmente, mas agrupándonos com outros companheiros e pais de alunos que tenham os mesmos anseios e inquietações." (Maria Teresa Nidelcoff, op. cit.)

Não podemos mais reproduzir as injustiças encontradas em nossa sociedade. É de fundamental importância que se busque um currículo que propicie oportunidades para que os educandos se desenvolvam como seres capazes de ver a realidade com senso crítico, descobrindo e assumindo

compromissos, o que resultará na valorização não só intelectual, mas também na formação de atitudes.

Nesse contexto, a avaliação passa a ser um processo contínuo onde o grupo pode verificar os objetivos definidos, bem como a metodologia desenvolvida. Será possível a avaliação e reorientação do trabalho, tornando a prática mais eficaz e democrática. Desse modo, a recuperação ocorre paralela ao desenvolvimento prático-pedagógico.

Entende-se que é através de uma prática pedagógica que atenda às reais necessidades da classe popular que o educador irá resgatar os propósitos da avaliação. "Reconduzir a avaliação às suas reais funções é um ato político," (idem) posto que a avaliação não deve ser um instrumento de aprovação ou reprovação, mas um diagnóstico para que se analise os fatores que interferiram na progressão do aluno.

Precisa-se buscar uma escola onde o aluno seja sujeito atuante, construtor de seu conhecimento, que suas experiências sejam valorizadas e que seu ritmo de aprendizagem seja respeitado. Visar à socialização do saber sistematizado para superação da dominação existente e, conseqüentemente, uma política educacional séria, comprometida com os interesses da maioria. "Agindo, criaremos a escola na qual acreditamos. Encolhendo os ombros, deixaremos que outros mantenham as escolas tal como eles a necessitam." (idem)

Discutir evasão e repetência significa discutir o valor político-pedagógico da escola enquanto instituição organizada dentro de uma sociedade.

Sabe-se que a escola, instituição pertencente à super-estrutura, foi moldada dentro dos preceitos capitalistas onde ela adquire uma função específica na perspectiva de divisão ou separação do aluno enquanto trabalhador ou filho de trabalhador, e do outro lado, o filho do patrão. Cada um irá perpetuar seu grupo e a escola se organiza para melhor atender a esta divisão.

Nessa perspectiva, a evasão e a repetência são atribuídas muito mais ao indivíduo do que à relação que a escola propicia no processo ensino-aprendizagem.

Embuída em rever certas questões, nossa Escola buscou na metodologia construtivista o processo educacional que ora desenvolve,

cuidando de sua reavaliação constante. O trabalho começou a cerca de cinco anos, o grupo (docentes, técnicos, discentes e comunidade) buscou questionar-se sobre a prática até então desenvolvida revendo posturas adotadas no processo de aprender e ensinar, discutindo o papel da escola, sua situação e clientela, bem como a pedagogia aplicada e o objetivo a que se propõe. Diante desses questionamentos, pôde-se verificar o quão distante da realidade social do aluno, ela - a escola - se encontrava. O trabalho pedagógico acentuava-se pela divisão: cada profissional traçava suas atividades e dentro de um pensar solitário, realizava-se. O processo pedagógico pouco a pouco ruía. Fato notável pela evasão e repetência, número de matrícula inicial a menor, a cada ano letivo.

Constatada a situação, o grupo buscou embasamento teórico numa revisão conceitual do papel da escola como instituição educacional e tomou consciência da contradição existente no que versa sobre a realidade na qual a escola está inserida.

Analisaram-se as características pertinentes à comunidade escolar que "habita" a escola, considerando os itens: situações sócio-econômica e cultural, afetiva e política. De posse desses dados traçaram-se metas, necessárias no trabalho de transformação, a começar pela proposta de ensino de 1^o grau, visando atender às necessidades e à realidade desse grupo. Partiu-se da compreensão de que:

- a educação é um processo que se desenvolve entre os seres humanos, nas perspectivas social e individual, e como tal reveste-se de um caráter cultural, histórico e situacional, caracterizando o ser humano;

- a educação, vista como processo individual, pressupõe inserção profunda nos problemas vitais. com isso é preciso permitir à criança o contato direto e crítico com a realidade que a cerca;

- educação, vista como fenômeno social, deverá ser analisada a partir da compreensão das forças contraditórias que a compõem, além do entendimento destas como atos históricos de renovação e/ou reprodução;

- os problemas de ordens econômica e social que envolvem a evasão e repetência acontecem muito mais com as classes sociais menos favorecidas, fato que torna claro o processo de exclusão, seleção e discriminação que a escola faz todos os dias;

- a realidade cultural da criança dever ser respeitada e valorizada.

Diante desses pressupostos a Escola organizou-se, partindo da compreensão de educação como um processo global e, dessa forma, tinha de ser compreendido pela comunidade escolar. A metodologia empregada partia do entendimento do homem como um todo, que é ao mesmo tempo natureza,

individualidade e um ser social; procurou-se descobrir e construir alternativas para superar as dificuldades encontradas e a educação ganhou um caráter dinâmico onde o aluno, sujeito consciente, tornou-se um crítico da realidade que o cerca.

O aluno, sendo sujeito de sua própria aprendizagem, passa a entender o significado do trabalho coletivo, levando em conta as contribuições do grupo. Ele considerará a realidade em que vive e em especial, a realidade amazônica, não como um fim em si mesma, mas como subsídio para a realização da leitura cultural que traz de sua vivência antes de entrar na escola. Vivências que devem ser respeitadas e enriquecidas com os novos conhecimentos construídos no dia-a-dia da sala de aula.

Essa proposta faz opção por uma educação que possibilite aos alunos o acesso a instrumentos que vão auxiliá-los na transformação da sociedade em que vivem. O compromisso do professor passa de uma simples transmissão de conhecimentos a um processo bem mais complexo, onde o saber vai ser adquirido pelo aluno de forma crítica, desafiadora, relacionado a suas experiências de vida objetivando a superação de velhos problemas. A nova proposta exige do professor e aluno novos posicionamentos: do professor, competência para ensinar - não só no que se refere a domínio de conteúdos, mas também no que diz respeito a alternativas para desenvolver as atividades. Precisa ainda ter capacidade para orientar as ações pedagógicas de acordo com as necessidades e possibilidades dos alunos. Do aluno, exige-se mais do que o simples estudos dos conteúdos ministrados onde lhe cabe apenas o exercício de sua capacidade de memorização e, depois do ato ritualístico da avaliação, o esquecimento, mas sim uma participação dinâmica na sala de aula, emvidando esforços que depreendem de seus sentimentos, capacidade intelectual e habilidades que o levam a elaborar conceitos e juízos em sua vida diária. Nessa construção de conceitos e juízos, está envolvido o objetivo de conhecimento específico, elaborado pelo professor.

A avaliação, nesse projeto pedagógico, acontece de outra forma: ela passa de um processo estanque, ritualista e finalizador, a um processo cotidiano de discussão da realidade em sala de aula. É dinâmica e expressa as situações vivenciadas em sala de aula, sendo orientadora das decisões e redimensionamentos necessários deste fazer pedagógico - a construção de saber coletivo.

Para que esse processo aconteça, o professor passa de um mero medidor de conhecimentos a um observador e coordenador atento de todas as ações de seus alunos, incentivando-os à participação, expondo dúvidas e

inquietações. Dessa forma, a avaliação vai expressar a coerência na interação aluno-professor, à medida que ambos vão decidir ações e avaliar o conteúdo trabalhado de forma a decidir-se pela retomada ou prosseguimento.

Essa relação dinâmica de aquisição, reelaboração e produção de conhecimentos em que aluno e professor participam, torna sem significado aquela avaliação em que apenas o professor opinava. Agora, ambos são parceiros - professor e aluno - de um mesmo processo de avaliação onde não é medido apenas o grau de aprendizagem, mas também são discutidas as ações, metodologias e atitudes do dia-a-dia escolar. A auto-avaliação passa, neste processo, a ter um papel relevante, pois desenvolverá no aluno a capacidade crítica não só do que lhe é externo, mas uma oportunidade para que ele se volte para dentro de si mesmo em suas relações com o conhecimento e com os outros. O importante da auto-avaliação é que os resultados nortearão a retomada do processo ensino-aprendizagem.

Cabe ao professor utilizar-se da criatividade para proporcionar as atividades de avaliação em diferentes situações (grupais e/ou individuais). E sobre os resultados, esses devem ser conhecidos não só pelo professor mas pelos alunos, que os analisarão e discutirão, visando à redefinição ou não das ações posteriores.

A avaliação, neste contexto, adquire uma nova postura: ela não encerra o processo ensino-aprendizagem.

CONCLUSÃO

O estudo sobre o tema **Repetência na Educação Básica** evidenciou o verdadeiro desafio que a escola e, de maneira mais ampla, a sociedade tem que se dispor para encontrar uma solução. E sob essa perspectiva, nossa escola, em especial os professores, buscou alternativas na intenção de transformar a situação considerada por todos como um caos. Teve-se em mente que todo começo é lento e difícil, mas viável, conforme relata uma das professoras:

"O insucesso na vida desses alunos fez com que alguns deles perdessem o gosto pelo estudo. Minha tarefa agora é duplamente difícil: preciso ensiná-los a gostar da escola assim como descobrir novamente o valor que têm perante a sociedade." E, segundo a professora, "Analisar a carga de problemas que cada um desses alunos traz ao ingressar na escola é fundamental para compreender certas atitudes e dificuldades que eles apresentam em sala de aula."

O que os professores sentem diante do quadro de problemas, que de início se apresenta, é desanimador e faz com eles se sintam descrentes como todo ser humano. Felizmente, a consciência político-pedagógica que o grupo procura desenvolver os faz crerem que a descrença do início deve-se ao descaso do poder público com a educação e que qualquer mudança nesse sentido exige também transformações pessoais no que se refere à postura do educador. Ele necessitará de uma constante aquisição de conhecimentos que irão auxiliá-lo na mudança do processo educacional.

Conforme outra professora da escola, o trabalho direcionado às classes populares proporcionou o sucesso alcançado: "Acredito que por nós termos abandonado o trabalho com as classes populares é que hoje nossa escola conta com um número bastante elevado de alunos transferidos, vindos de outras escolas por motivo de reprovação ao longo dos anos. Para essas

escolas, a solução está na transferência como se isso fosse a solução do problema."

Outros professores acham "a equipe de professores tem procurado resgatar a identidade dos alunos que recebe, proporcionando-lhes a superação das dificuldades, o que alguns já conseguiram e outros, necessitando ainda de estímulo e atividades mais intensas, estão a caminho." Noutro depoimento uma professora disse "... em 1992 recebi uma turma onde mais de 50% dos alunos, a maioria trabalhadores, eram repetentes da 2ª série. No início, tive que tentar diminuir o complexo de inferioridade e de incapacidade que eles traziam consigo, valorizando-os pela profissão que exercem ou de seus pais, já que, geralmente, tratavam-se de profissões pouco valorizadas pela sociedade. Outro passo foi desenvolver laços afetivos entre os alunos e deles com os familiares buscando construir uma base firme para ministrar minhas aulas. Não houve milagres, pois o comportamento em sala de aula ainda deixava a desejar, mas uma sensível melhora na receptividade de conteúdos foi notória, e encerramos o ano com 90% de aprovação, e este ano os professores que os receberam puderam constatar que estavam aptos para a 3ª série."

Reafirmou-se no grupo a necessidade de que a escola fortaleça sua atuação enquanto instituição política, definindo-se a favor da população que é maioria e possibilite ao corpo docente oportunidade de discussões, estudos e criação de projetos que expressem realmente este compromisso exposto em cada depoimento anteriormente citado.

BIBLIOGRAFIA

- CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; e OLIVEIRA, Rosisra Darcy de. A vida na escola e a escola da vida. 10ª ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1980.
- CRISTELLI, Maria Dulce. Educação e Dominação Cultural: Tentativa de Reflexão Ontológica. 2ª ed. Sao Paulo: Cortez, s.d.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Educar para quê? contra o autoritarismo da ralação pedagógica na escola. 3ª ed. Sao Paulo: Cortez, 1990.
- FREIRE, Paulo; BARRETO, Vera Lúcia e outros. O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Riviere. Trad. por Lúcia Mathilde Endlich Orth. Rio de Janeiro: Vozes Ltda. 1987.
- FREIRE, Pauto. Educação como prática da liberdade. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GADOTTI, Moacir. Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do conflito 9ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. Pedagogia: Diálogo e conflito. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GANDIN, Danilo. Escola e Transformação Social. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliação: Mito e Desafio. uma Perspectiva Construtivista. 8ª ed. Rio Grande do Sul: Scipione, 1991.

- KELLER, Cleverson Bastos Vicente. Aprendendo a aprender: Introdução à metodologia científica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1992.
- LACERDA, Beatriz Pires de. Administração Escolar. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1977.
- LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1991 (Coleção Magistério 2º grau, Formação de Professore).
- NIDELCOFF, Maria Teresa. uma escola para o povo. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- SILVA, Dinorá Fraga da; RANGEL, Ana Cristina de Souza & outros. Para uma política educacional da alfabetização. São Paulo: Papyrus, 1991 (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O Professor e o combate à Avaliação Imposta. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)
- SOARES, Magda Becker; KRAMER, Sônia e outros. Escola Básica. São Paulo: Papyrus, 1992.



"Repetência Superada"

Iracema da Costa Baumeyer

(Sementinha 93)

Americana-SP
1993

ÍNDICE

	Pag.
Introdução	63
Desenvolvimento	69
Descrição das atividades	73
Proposta Pedagógica e estratégias utilizadas	76
Resultados Alcançados	79
Conclusão	81

INTRODUÇÃO

Todo o meu trabalho pedagógico está baseado nos estudos da pesquisadora Emilia Ferreiro e nos estudos do professor e doutor da Unicamp, Sr: Luis Carlos Cagliari.

"Se é falando que a criança aprende a falar, é bem provável que lendo, a criança aprenda a ler, e escrevendo é que ela aprende a escrever." um claro enigma.

Daí o professor precisa estar ciente de seu papel nos primeiros momentos da aprendizagem, criando situações significativas que dêem condições a criança de se aproveitar de um conhecimento ou de uma prática.

Já nas atividades de sistematização, o papel do professor é mais diretivo; ele explica, informa, mostra e corrige (estes momentos não devem ser muito longos).

Nesse sentido, não se ensina a criança a ler: - Ela aprende sozinha. Ao professor compete ajudá-la a conquistar este comportamento.

Essa ajuda concretiza-se através de um ambiente rico e variado, que favoreça o aparecimento ou o desenvolvimento daquela aprendizagem e através de momentos precisos de organização do conhecimento adquirido.

Antes de obrigar a criança a observar, analisar ou escrever sílabas, palavras ou frases, é indispensável que a escola proporcione oportunidades de utilizar a escrita em contextos significativos que estabeleçam uma estreita familiarização com todos os suportes materiais da escrita: livros, jornais, prospectos, cartazes, etc..., que permitam a criança observar, explorar, questionar, experimentar os vários usos da escrita no mundo em que vive, que promovam, ao mesmo tempo a leitura constante de histórias infantis, álbuns ilustrados, revistas em quadrinhos, jornais, etc.

É desse modo que o professor proporciona uma experiência rica de situações de uso da escrita, favorecendo especialmente aquelas crianças que

não tiveram a oportunidade de viver estas experiências em seu meio social e familiar.

São necessárias e indispensáveis a todas as crianças essas experiências prévias com a leitura.

De acordo com o Dr. Luiz Carlos Cagliari: "A escola não deve reprovar". Uma das dificuldades que alguns alunos encontram na escola reside no fato de a escola usar a avaliação do rendimento escolar como uma forma de promoção, ou seja, o aluno que não faz o que o professor espera que ele faça, acaba sendo reprovado.

Há uma idéia muito arraigada em nossa escola, segundo a qual é na primeira série que todos os alunos precisam aprender a ler e a escrever (e até conhecer relativamente bem a ortografia da maioria das palavras que usam).

"Soa estranho e é até inaceitável pela maioria dos professores tradicionais no nosso meio educacional dizer que um aluno que não se alfabetizou na primeira série deveria tentar isto na segunda, e se nem assim conseguiu, tentar na terceira."

Apesar de estranho, esta deveria ser a atitude da escola.

Alguns alunos não aprendem com um professor, mas aprendem com outro. Assim como o professor alfabetizador tem que aceitar uma classe de alunos ingressantes, sejam eles quem forem, com conhecimentos muito diferenciados, assim também os professores das demais séries deveriam receber uma classe, independentemente do estágio de conhecimento dos alunos.

"O bom professor, diante de uma classe heterogênea, age como um pesquisador, que colhe dados, analisa, interpreta a fim de saber da real situação de cada um de seus alunos."

De posse destes dados irá organizar seu programa de ação em geral e as aulas em particular.

Este procedimento inclui um professor de segunda série ter de ensinar a alguns de seus alunos as relações entre fala e escrita para que esses alunos aprendam a decifrar a escrita e a leitura.

Inclui um professor de terceira que irá ensinar seus alunos a ter dúvidas ortográficas, a educar estas dúvidas e a resolvê-las consultando quem sabe ou olhando no dicionário.

Inclui um professor de quarta série que precisará fazer estas coisas mencionadas acima, se em sua classe aparecer um aluno que ainda não aprendeu a ler, a ter dúvidas ortográficas, a corrigir a ortografia de um texto. Não importa que o aluno não saiba, o professor é apto para ensinar em qualquer série, ele deverá fazer um trabalho diversificado e usar de estratégias para suprir as dificuldades apresentadas, o que não pode é ficar reprovando este aluno durante anos e anos.

Cagliari afirma: - "É um absurdo inadmissível encontrar alunos com 9, 10, 11, 12, 13 e até 14 anos cursando ainda a antiga primeira série (hoje ciclo básico inicial). uma escola que faz isto é maluca. Esta defasagem é contra toda pedagogia e psicologia e contra o mais elementar bom senso".

A reprovação traz um estigma tão grande para certos alunos que fica difícil desenvolver com eles qualquer trabalho educativo.

Há alunos que têm uma pressão psicológica tão grande e tão forte em seu interior que acaba se transformando em medo de aprender. Este medo leva ao erro, o erro reforça o medo e o aluno se encontra num beco sem saída.

O comodismo de muitos professores ajuda esta mentalidade a se firmar ano após ano.

É triste conviver com esta realidade, a maioria dos professores só sabem trabalhar com alunos inteligentes e de preferência de classe social privilegiada, pois todo conteúdo dado é assimilado rapidamente.

Quando um aluno carente (em todos os sentidos) consegue chegar na quarta série lendo com dificuldades e escrevendo com erros ortográficos e com falhas na interpretação de textos, a queixa cai em cima dos professores anteriores, tem alguns que tentam devolvê-lo para série anterior causando a este um desequilíbrio total, o professor fica sem saber como trabalhar este aluno.

Baseada nesta coerente e profunda explanação concluí que o professor não está preparado para trabalhar com alunos que apresentam dificuldades em compreender a escrita como a representação da fala, e a maioria dos professores por falta de embasamento teórico desconhecem o sofrimento do aluno que passa a ser rotulado por não aprender.

"Não há método algum que seja uma receita milagrosa na escola, para ninguém, para nenhuma série."

O que precisa ser visto urgentemente é a postura do professor frente a estes alunos, pois estes precisam de 90% de carinho, compreensão e

estímulo constante, pois já foi provado que todo ser humano que venceu, que obteve sua realização profissional teve sempre um estímulo, alguém incentivando-o, jogando-o para o alto.

Vou citar o exemplo de um aluno que freqüentou durante 7 anos a classe especial e que este ano está em uma classe comum.

Primeiro dia de aula ele deixou a fila de longos anos e caminhou para o lugar das filas de segunda fase todo feliz.

uma servente mais que depressa o interpelou:

— Você não é desta fila, bem! A sua é no mesmo lugar do ano passado.

Ele olhou fixamente para ela e com muito orgulho respondeu:

— A senhora não sabe que agora estou na segunda? Pois passei de ano e togo vou para a terceira e depois para a quarta e logo para o ginásio.

Quando a servente contou com que orgulho ele disse tudo isto, foi muito penoso constatar o que a reprovação faz, mesmo nestes alunos que são deficientes mentais.

Este aluno atualmente já está lendo, e na escrita está na fase de construção da base alfabética.

Se os professores não se conscientizarem do caos que provoca na criança a repetência, jamais conseguirão entender que há crianças que podem ficar a vida inteira brincando de aprender, tentando descobrir, fazendo hipóteses que não levam a nada (quando não atrapalham mais do que ajudam).

Estes alunos não aprendem por incapacidade mental deles ou por algo patológico deste tipo. É semelhante a de um cientista que fica olhando para seus dados e não sabe como interpretá-los. Nós mesmos às vezes nos sentimos verdadeiros ignorantes em muitas situações da vida.

Estes alunos sentem-se assim diante do processo de alfabetização.

DESENVOLVIMENTO

Minha classe é composta de 24 alunos reagrupados, todos com dois anos ou mais de alfabetização sem resultados satisfatórios.

No início do ano não liam e só escreviam colocando letras aleatoriamente.

Meu objetivo é que consigam ler e escrever imediatamente, pois essa classe só foi formada assim com alunos com sérias dificuldades mediante estudos feitos pela diretora, coordenadora, assistentes e demais professores.

Estes alunos não poderiam ser colocados em uma classe de segunda fase comum onde todos lêem e escrevem, pois conforme o professor, ficariam marginalizados e não iam acompanhar o desenvolvimento dos demais.

um desafio para qualquer educador que coloque 99% de amor e dedicação a sua profissão.

O aluno que passa por dois anos de alfabetização sem ler e escrever começa a ser problema sério.

Os professores se reúnem em busca de desculpas para este fracasso: - Este aluno precisa ser testado.

Não tem estrutura familiar.

É desinteressado.

Desnecessário seria citar todos os itens que apareceriam sem muito esforço neste rol de justificativas.

Só que o aluno percebe tudo e dentro de sua fragilidade, acha que é incapaz. Veste a camisa da incapacidade e fica bloqueado, negando-se a ler e a escrever. Mas este mesmo aluno quando estimulado a conversar, possui uma oralidade nota 10, narra histórias, filmes, conta casos e acontecimentos.

Na classe é dinâmico, prestativo e tem o carinho de todos, só que não sabe nem ler e nem escrever. Todo o problema se fixa no aluno, jamais no professor. É mais cômodo e aceitável que este aluno continue nas séries iniciais, até que a família o retire da escola ou ele mesmo decida a não ir mais.

Resolvi encarar o desafio, pois fui coordenadora do ciclo básico durante quatro anos e em minha cabeça o embasamento teórico já estava bem delineado. Era só uma questão de prática e dedicação a esta classe. Tomei por base esta frase: "Criança que fala lê e escreve".

Meu primeiro contato com eles, confesso, foi assustador, ninguém lia e alguns só conseguiam escrever o nome.

Como a escola tinha livros disponíveis de leitura, usei os textos como leitura diária, não importando em selecioná-los pois lancei mão do que era mais acessível e prático.

Não interessava no momento uma seleção de textos bem estruturados, o importante era criar a expectativa que todos seriam capazes de **ler**.

Dei um livro para cada um e eles ficaram encantados, mas logo questionaram.

— Tia, nós não sabemos ler.

Fingindo surpresa, disse:

— Mas tenho informações que esta classe é composta de alunos inteligentes e estudiosos e que pretendem ir para a terceira série. Ou estou enganada?

— Somos inteligentes, sim e estudiosos também.

Diante desta afirmativa só restava partir para a luta.

Nós temos um ano inteiro para ler e escrever, mas nesta semana já vamos ler alguns textos bonitos desse livro que acabamos de ganhar. Todos concordaram eufóricos (Todo aluno gosta de receber livros nem que for apenas para folheá-los).

Comecei a tratá-los com elogios e segurança, tentando resgatar a vontade de progredir.

Antes da leitura vamos conhecer as letras de nosso alfabeto, dei a cada um o alfabeto confeccionado com cartolina dupla face. Pedi que cada um escrevesse seu nome com as letrinhas. Logo o Willian reclamou: Não posso escrever o meu nome. Mas solucionei o problema com letrinhas avulsas.

Depois lemos o alfabeto e expliquei a eles que para escrever qualquer texto, cartas, bilhetes, livros, jornal utilizamos nosso abecedário.

Eles manusearam, brincaram, escreveram algumas palavras propostas. **Observação:** - Introduzi o alfabeto baseado nas afirmações de Cagliari que toda criança aprende a ler e escrever se conhecer bem o alfabeto.

Na classe temos alfabeto de madeira, de borracha, no cartaz e cada um tem o seu próprio.

Agora vocês vão ouvir a professora ler o primeiro texto.

Todos atentos: - De hora em hora...

Autora: Ruth Rocha

Marcelo vivia perguntando: —

Mamãe o que é bandapassá?

—Bandapassá? Sei não, menino! Onde é que você viu isso? —

Tem em uma música que diz assim - Pra vê a bandapassá... —Não

é bandapassá, Marcelo. É pra ver a bandapassá. —É banda

passar. —Pra ver a banda passar. Banda de música.

No outro dia, lá vinha o Marcete:

—Pai, sinal tem pêlo? O pai de

Marcelo não entendia.

—Que sinal menino? Não estou entendendo.

—Sinal, pai, do pelo sinal da santa cruz... O pai de Marcelo suspirava e tentava explicar:

—Não Marcelo, não é Pêlo-Pêlo. É pelo pelo. E

todo dia era a mesma coisa:

—O que é terra margarida... mãe?

—*Não é terra* margarida, Marcelo. É terra mais garrida, mais bonita, mais enfeitada...

Terminada a leitura, todos riram e perguntei o que entenderam da história.

Responderam que Marcelo era um chato e que "enchia o saco dos pais.

— Agora, vamos dramatizar o texto. Todos queriam ser o Marcelo, o pai e a mãe. Então a classe foi dividida de 3 em 3 e o teatrinho foi apresentado entre risos e atenção.

— Agora, todos nós vamos ser iguais ao Marcelo. Vamos bolar algumas perguntas.

Todas as perguntas foram colocadas na lousa.

Exemplo de algumas perguntas e respostas da classe.

Mamãe, mesa anda? Ah! Ah! todos riram e Antonio todo orgulhoso responde:

— Mas ela tem pernas.

Essa pergunta sugeriu muitas outras (já conhecidas).

— Qual o céu que não tem estrelas? — Céu da boca.

— Mamãe, por que temos duas barrigas?

— Duas barrigas? Sei lá, menino - A barriga normal é a barriga da perna.

Mamãe, cadeira anda? Mas ela também tem pernas.

— Qual ave que fala igual as pessoas?

— Ficam muito tempo pensando, conversando e trocando idéias sobre novas perguntas e respostas. Alguns alunos queriam participar e saíam com algumas perguntinhas sem nexos como:

— Por que a lagartixa anda?

— Por que a borracha apaga?

— Por que o lápis escreve?

Todas as perguntas e respostas foram passadas para um papel pardo e afixadas na sala de aula.

O objetivo nesta primeira aula era explorar a oralidade das crianças.
— Vamos ler juntos o que está escrito na lousa. Para eles não foi difícil, pois nós já tínhamos formuladas as perguntas e respostas, eles já tinham um conhecimento prévio da leitura.

Voltamos para o texto, eu lia e eles acompanhavam atentamente. Leitura do título juntos: De hora em hora.

Exploramos o título, já introduzi a importância do relógio e ficamos combinados de desenharmos um lindo relógio para nossa sala de aula.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Li pausadamente e eles acompanharam. - Agora vamos com o lápis passar um círculo onde está escrita a palavra Marcelo.

- Vou dar uma dica: a palavra Marcelo repete 7 vezes no texto, mas temos apenas 5 minutos para achá-las.
- Quem terminar primeiro pode ajudar o coleguinha.
- Muito bem, vamos lembrar nomes que comecem igual ao do Marcelo para fazermos um bonito cartaz com nomes começados com a letra M.

Então vamos lá (Objetivo: - Explorar a oralidade) E o professor não pode esquecer que toda criança gosta de desafios. O desafio proposto é o seguinte; cada aluno vai tentar lembrar os nomes. (± uns 20 nomes).

São importantes a regra e o desafio, pois levam a criança a pensar, a raciocinar e eles gostam de participar quando são assuntos que conseguem dominar, e nome de pessoa é da vivência do aluno.

Nomes encontrados pelos alunos: - Maria-Mário-Marta-Mauro-Maura-Margarida-Marcela-Marcelo-Márcia-Márcio-Mércia-Marcos-Moisés-Morgana-Miriam-Miguel-Marcelino-Mercedes-Murilo-Miltom.

Muito bem. - Agora nós vamos procurar no texto todas as palavras começadas com a inicial do nome Marcelo.

Qual é o nome da letra que estamos procurando?

A letra M.

Outra dica são 7 palavras em 5 minutos.

Observação: - É importante determinar o tempo, pois o aluno já se prepara para o cálculo mental que é desenvolvido em nossas aulas de matemática (baseadas no método Kumon).

Método Kumon: a criança aprende rapidamente, usando seu próprio raciocínio, desenvolvendo sua rapidez através de exercícios de repetição, que facilitam a assimilação.

Acharam dentro do tempo previsto as 7 palavras (Marcelo, mamãe, música, menino, mesma, Margarida, mais).

— Vamos pegar nosso alfabeto novamente e escrever algumas palavras do texto. Em uma folha de sulfite ou almanaque o aluno vai tentar escrever a palavra Marcelo (Podem consultar o texto. Aproveitem para contar com quantas letras são escritas as palavras pedidas), sempre do texto.

Depois da formação de quase todas as palavras do texto o aluno vai tentar sozinho a leitura silenciosa da lição.

Novamente a mesma leitura agora em dupla (O professor - sempre atento coloca um que já está mais familiarizado com a leitura junto de um que ainda está com dificuldade).

Na aula de educação artística, a professora confecciona um belo cartaz com os personagens do texto e depois elabora o texto com letras bem grandes e fixa o cartaz para a leitura diária.

Outra atividade que ajuda a familiarização com o alfabeto e auxilia a leitura é a procura de palavras, obedecendo a seqüência do alfabeto. Vamos encontrar uma palavra começada com a letra A (do texto) - Não tem, professora. - Muito bem, deixe o A sem palavras por enquanto.

com B tem banda e bonita, e este trabalho é feito com todo o alfabeto.

Depois de escritas e lidas as palavras que eles registraram no almanaque ou sulfite é dado para cada aluno um mini-dicionário para que eles consigam colocar as palavras no lugar correto.

Logo depois, cada um recebe o dicionário e juntos procuramos o significado das palavras e registramos no mini-dicionário para consulta.

Este trabalho com o dicionário precisa ser com horário determinado e se possível todos os dias., pois amplia o vocabulário da criança e já é uma preparação para interpretação de textos.

Paralelamente a este texto De Hora em Hora, as demais disciplinas foram trabalhadas.

"Bolamos" juntos este problema.

Vamos pensar: - Se Marcelo perturbava os pais de hora em hora, quantas horas o Marcelo perturbava?

Muitos acharam que ele "enchia" os pais o dia inteiro.

Vamos pesquisar quantas horas tem um dia.

Vamos falar tudo o que podemos fazer durante o dia.

Quais são as partes do dia: manhã-tarde-noite.

Elaboração do calendário.

Papai, mamãe e Marcelo formam uma família.

Vamos desenhar sua família e tentar escrever os nomes (sempre com o alfabeto em mãos).

com apenas um texto o professor pode realizar todas as atividades possíveis sem fugir da linha construtivista.

Exemplo ainda no texto De Hora em Hora trabalhamos acróstico, rimas, palavras cruzadas, caça-palavras, caça ao tesouro, pegadinhas, proposta de escrita, leitura silenciosa, leitura em dupla, em grupo, dramatização, pesquisa, desenhos, etc.

A maioria dos professores subestima muito o aluno, impedindo-o de analisar, criar, pesquisar, criticar. Por isso a leitura diária faz com que o aluno crie um modelo de texto, ajuda-o a construir uma estrutura mental de todos os tipos de leitura.

Nosso trabalho praticamente só gira em torno de leitura.

PROPOSTA PEDAGÓGICA E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS.

Todo dia leitura com hora marcada. Início da primeira aula durante uma hora.

Textos do livro: todos alunos tem inicialmente leitura oral.

6 textos por dia: De hora em hora - Ruth Rocha

O sapo Batista - Vanessa JKalil

O eco (Ou isto ou aquilo) - Cecília Meireles

A flauta de Luanda - Joel Rufino Santos

O coelho que não era de Páscoa - Ruth Rocha

O menino maluquinho - Ziraldo.

Leitura oral, porque eles não sabiam ler (O professor lê e - os alunos acompanham colocando o dedo nas palavras).

Todo texto lido tem seu cartaz fixado na sala de aula, o que é um estímulo para a leitura diária e preparação para a escrita.

Terminada esta primeira aula de leitura, distribuição de gibis que eles folheam alegremente, uns trocam com os outros e tentam descobrir as falas dos personagens.

O professor lê uma história completa do gibi e lança o desafio, com alfabeto em mãos. Vocês vão tentar em grupo ler alguma coisa (uma atividade muito rica para a classe).

Logo depois do gibi, cada aluno recebe uma revista Veja (temos em grande quantidade) para recortar propagandas, anúncios, artigos, que serão colados no caderno para leitura.

Eles trabalham também com o jornal da cidade e outros, recortando anúncios e tentar ler e "bolando" anúncios iguais ou criando em cima dos anúncios, dos recadinhos.

Importante: Qualquer atividade que o professor pedir para o aluno, precisa antes dar um modelo para que o aluno possa ter uma base.

Exemplo: todo o trabalho feito com o texto De Hora em Hora foi para que o aluno criasse em sua cabeça um modelo mental de texto.

Depois de trabalhado, fomos pra outra sala onde os alunos fizeram uma reescrita do texto (A maioria foi muito bem).

A aula praticamente é só leitura. Depois de todos estes tipos de leitura, cada aluno recebe um livrinho de literatura infantil que vai tentar ler com os colegas e levar também para casa para junto com os pais tentar ler.

Este livro só será trocado nos finais de semana e todo dia o professor estipula um horário para essa leitura.

Dificuldades encontradas: • As mães cobraram atividades no caderno. Nos anos anteriores os cadernos estavam cheios com atividades, textos, cópias e ditados.

A minha resposta foi só esta: - Mães, eles liam e escreviam? - Não! Então não se preocupem, pois o importante não é a quantidade e sim a qualidade.

Comecei a pedir para que em casa eles tentassem ler tudo o que tinha letras. Exemplos na sala: - Marca de televisão, rádio, videocassete, aparelho de som, ventilador, etc.

Na cozinha embalagens, produtos de limpeza, marcas de gêneros alimentícios... etc.

A pesquisa era para a casa toda, até em roupa eles tinham que buscar a leitura, manual de instrução. Uns traziam embalagens para a sala de aula e montamos um cantinho de leitura.

Eu tinha em minha mente e enraizados até as entranhas as pesquisas que afirmavam todo o processo de desenvolvimento que a criança percorre até a construção de sua base alfabética. Este processo só teria sucesso se o professor encaminhasse o aluno para obtenção do mesmo.

Não há método, nem proposta, nem receitas, nem milagres para evitar a repetência na educação. Há um desafio muito grande para o educador, que precisa estar preparado para resgatar a escrita social.

O trabalho básico do educador é estimular a criança a ler e escrever, a ler tudo que encontra pela frente, dentro e fora da escola.

Exemplo: - Observar e se possível escrever os nomes de rua pelas quais vocês passam no caminho para a escola (Normas de estabelecimentos, farmácias, açougues, lojas), etc.

Podemos e fizemos um texto com a aluna Elisângela baseada em suas observações.

O dia de Elisângela

Elisângela levanta às oito horas, faz sua lição, ajuda a mamãe e depois assiste a um pouco de televisão, toma banho e vai para a escola.

Quando sai de casa após o almoço, passa pela rua das Rosas, dos Cravos e depois já entra na rua das Orquídeas onde fica localizada nossa escola, no número 214.

O nome de nossa escola é EEPSG Escola Padrão Professora Dilecta Ceneviva Martinelli.

Este texto foi passado para um papel pardo com a ajuda das estagiárias e todos ficaram enciumados com o texto - pois só tinha o nome da Elisângela.

Todos queriam um cartaz com o nome deles e então cada dia nós fomos escrevendo a história de nossa classe.

Título: - A classe inteligente.

Somos alunos da E. Padrão Prof^a Dilecta Ceneviva Martinelli e quando vamos à escola, passamos por estas ruas: Magnolias, Orquídeas, Cactos, Cravos, Begonias, Violetas, Dracenas, Rosas. A Tais, a Vanessa e a Elisângela, sempre vêm juntas e encontram a dona Sebastiana no caminho que sempre faz a mesma pergunta.

— Já vão para a escola? Tomem cuidado ao atravessar a rua.

As três acham a dona Sebastiana chata, mas a tratam com educação e respondem: - Vamos sim, tia.

Os irmãos Marcos sempre chegam atrasados, não adianta a professora falar nada, pois eles perdem a hora todo dia.

O engraçado é que os dois tem o mesmo nome: Marcos Aparecido Porto e Marcos Porto.

O Mauro vem de ônibus., pois mora no Parque Novo Mundo, o Genildo vem chutando tudo o que encontra na rua.

Quando chegamos, já vamos para o pátio e a nossa fila - fica junto com a classe da dona Cristina.

É uma delícia, pois quando dá o sinal, nós empurramos os meninos em cima das meninas e elas ficam xingando.

O Luis Carlos é o mais bagunceiro da classe, sempre apronta com todos e a professora só promete castigo, mas depois ela esquece e vamos todos para a sala de aula, começar outro dia.

Chegando na classe arrumamos as nossas carteiras em grupinhos de quatro alunos, ou tem dia que colocamos uma carteira encostada com a outra.

Aí pegamos o nosso livro e lemos todas as nossas leituras e cartazes, mas agora é legal porque lemos também os textos e cartazes com nossas histórias.

Na história têm os nomes de todos os alunos e algumas façanhas de alguns que é motivo de riso sempre que lemos.

Além de todos os tipos de leitura trabalho em classe com o livro de **Pedro Bandeira Cavalgando o Arco-íris.**

A poesia **0 irmão menor** foi um sucesso maravilhoso entre todos, pois atualmente só dois alunos estão com dificuldades na leitura; os demais lêem e escrevem dentro da expectativa que eu esperava.

Vou continuar só investindo em leitura e escrita e já prevejo uma promoção total para a classe.

Trabalho semanalmente com fitas de vídeo que provoca um conflito positivo nas crianças, elas adoram assistir os filmes de Cascão, Monica, Cebolinha, Chico Bento, etc.

RESULTADOS ALCANÇADOS.

Vou citar um aluno que foi marginalizado durante dois anos consecutivos.

Nome fictício: Genauro Abreu

Dois anos de ciclo básico inicial

Contém em sua ficha individual: "O aluno não compreende a escrita como a representação da fala".

Dois anos sem ler nada.

Dois anos só escrevendo letras aleatoriamente Exemplo de uma reescrita: assistiu ao vídeo **A dama e o vagabundo**.

Reescrita: enenenenenenenenenenenen (encheu duas folhas) e quando questionado contava a história corretamente.

Textos via memória (enenenenenenenenenenen)

Ditado do campo semântico (enenenenenenenenenenene)

Da lousa conseguia copiar tudo só que não entendia o que copiava.

Depois de dois anos veio para minha classe e comecei a trabalhar nesta proposta relatada acima, só leitura e mais leitura, iniciando com elogios, depois de algumas leituras ele conseguiu transpor a barreira e lia para a classe toda.

Só que se negava a escrever. Quando tinha que colocar sua idéia no papel o bloqueio aparecia. Depois de algum estudo que fizemos de acordo com Cagliari, que diz que o professor tem que ser antes de tudo um pesquisador, descobrimos o porquê do bloqueio. Qualquer reescrita dos anos anteriores ele fazia enchendo folhas e mais folhas de ene e a professora fazia ele apagar dizendo que estava tudo errado. Só que ele não entedia o erro, pois quando solicitado para ler os ene, conseguia inventar sua história.

Genauro agora com 6 meses de leitura e escrita diárias já comenta feliz com os colegas da classe. Ler é moleza é só juntar as letrinhas. Escrever também é superlegal.

CONCLUSÃO

Tôda proposta pedagógica só terá sucesso se o professor agir como pesquisador, sempre incentivando o aluno ao progresso.

A superação da repetência está na mão do educador que precisa pesquisar e entender o porquê do fracasso escolar.

O aluno fracassa por não saber, e o professor fracassa junto por não entender a fase em que o aluno se encontra.

O que falta hoje aos professores é entenderem que o erro é construtivo e que através dele é que o aluno chega ao acerto.

Paulo Freire foi alfabetizado no quintal de sua casa; então não é difícil conseguir que uma criança se alfabetize: é só ter muito amor e dedicação e conduzi-la a leitura, porque quem lê e entende o que lê já está a caminho da escrita e da interpretação.

Em minha opinião os professores de ciclo básico, de terceira e quarta série deveriam só ficar na proposta de leitura e escrita, pois o ginásio reclama que os alunos chegam na quinta série sem ler, sem escrever e sem interpretar. Está faltando uma cobrança pedagógica mais acentuada em cima dos professores que culpam os alunos por não aprenderem.

É muito grave esta frase para qualquer educador ouvir: "A criança não aprende e não consegue aprender porque o professor ensina errado".

Não importa o que o professor tem nas mãos para ensinar, o importante é como ensina, colocando sempre em primeiro lugar o carinho para aquele ser ávido para aprender.



Reprovação: Podemos Reverter Este Quadro?

Jeanine Porto Teixeira
(Joana da Silva Porto)

Rio Grande
1993

SUMÁRIO

	Pag.
INTRODUÇÃO	87
DESENVOLVIMENTO	
1. Fundamentação Teórica	89
1 .a. A avaliação escolar	89
1.b. A reprovação	90
2. Proposta Pedagógica.....	92
3. Estratégias	93
4. Dificuldades Encontradas	103
5. Resultados Alcançados e/ou Esperados.....	104
Conclusão	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110

INTRODUÇÃO

A reprovação tem sido objeto de estudo e preocupação para professores e instituições educacionais a nível regional e nacional, em busca de soluções que acabem ou, pelo menos, minimizem este problema, que vem causar sérias dificuldades no contexto histórico-social, econômico e político da sociedade.

No Brasil, de cada três crianças uma não consegue entrar na escola, apesar do ensino ser obrigatório. Quanto aos que conseguem entrar, seis em cada dez crianças que freqüentam a primeira série não conseguem passar de ano. As reprovações e repetências continuam nos anos seguintes. Em São Paulo, o estado mais rico do Brasil, 55 em cada 100 estudantes não completam o 1º Grau. Se considerarmos o conjunto da população estudantil, veremos que, no Brasil, de cada 1000 alunos, apenas 24 chegam ao fim do 1º Grau, conforme dados divulgados pelo Jornal Nacional de nove de junho de 1993.

com o intuito de buscar **uma transformação social**, procurou-se constituir uma prática pedagógica que atendesse a realidade do aluno, permitindo que ele construir seu próprio conhecimento, expresse suas idéias formando indivíduos críticos e responsáveis. E principalmente fazendo com que o aluno encontre prazer na aprendizagem, despertando o interesse em compreender o lado mágico do conhecimento e a importância deste na sua vida, podendo assim, avançar na escolarização por sua própria e exclusiva vontade.

Para a reformulação da ação pedagógica, tentou-se:

- mudar a postura do professor que passa a conhecer e construir junto com seu aluno;

- utilizar o maior número possível de atividade lúdicas, tornando a aprendizagem uma atividades interessante e estimulante:
- permitir ao educando a construção de seus próprios textos e o erro construtivo, evitando textos estereotipados e pouco criativos;
- **deixar que o aluno decida o que quer estudar e de que maneira.**

Espera-se que esta proposta de trabalho, que é algo passível de reformulações, possa a vir de alguma forma contribuir para a **transformação de nossa sociedade**, fazendo com que a educação não seja apenas obrigatória, mas necessária e agradável para nossos alunos, possibilitando a continuidade dos estudos pela vontade do próprio educando.

1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.a. A AVALIAÇÃO ESCOLAR

Para atingir o objetivo proposto de diminuir os índices de reprovação, torna-se imprescindível que antes de mais nada se repense na avaliação utilizada pelas escolas.

As indagações resultantes deste pensamento conduzem à necessidade de construção de um processo de aprendizagem no qual a avaliação expresse, de forma efetiva, lúcida, científica e humana, o estágio de crescimento do aluno, a partir de seu próprio potencial.

como nos transmite Santos (1988):

"(...) pensar o ensino realizado na escola pública nos obriga a verificar que escola é esta, e o que se deseja que nela seja ensinado. Esta forma de pensar avaliação da aprendizagem, na sua estreita e íntima relação com o ensino é, também, pensar a avaliação da do ensino e das condições em que se dá este ensino." (p.5)

A avaliação do processo ensino-aprendizagem é fundamental para a avaliação do currículo, entendido este como um conjunto de intenções planejadas e executadas a partir de uma relação interativa entre pessoas que têm funções sociais diferenciadas, como alunos, professores, comunidade escolar e a sociedade de modo geral.

Daí a importância de se analisar e de refletir sobre o processo interativo como ponto de partida para o diagnóstico e autodiagnóstico, isto é, para a avaliação.

Para que aconteça o desenvolvimento social, deve-se julgar a Qualidade de Ensino que se oferecer à sociedade, o que pressupõe uma permanente avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Isto indica a necessidade constante de se pensar na prática e retomá-la para reorientar o processo pedagógico.

O que se deve ter bem claro, antes de tudo, que o importante não é classificar ou promover os alunos, mas sim que se possa avaliar suas possibilidades e suas próprias dificuldades, como nos confirma Mediano (1987):

(...) "Não interessa classificar o aluno como fraco, carente, incompetente, mas buscar caminhos para que realmente adquira a cultura valorizada pela atual sociedade. Deseja-se uma avaliação que possa levar todos a adquirirem o saber, e não eliminar aqueles que, logo de início, por fatores presentes na própria escola, não o conseguem adquirir." (p.11)

1.b. A REPROVAÇÃO

É verdade que os filhos dos operários, lavradores e assalariados de baixa renda vêm tendo maior acesso à escola. No entanto, suas possibilidades de êxito permanecem muito menores do que as dos filhos de outras categorias sociais.

Verifica-se que a desigualdade social permanece:

- diante dos índices de reprovação nos primeiros anos de escola;
- na seleção que se faz entre os que vão para os cursos superiores e os que só terão acesso aos cursos técnicos ou de aprendizagem manual;
- na possibilidade de acesso à universidade.

A escola seleciona e exclui os mais pobres; a maioria das crianças que abandona os estudos antes de completar os oito anos de escolaridade obrigatória vem de famílias pobres, do meio rural e dos bairros populosos das periferias das grandes cidades.

A escola pública é sem dúvida gratuita, mas há o material escolar cada vez mais caro, a condução caríssima, o uniforme muitas vezes obrigatório, entre outras coisas, que acabam tornando o gasto com a escola pesado demais para o bolso dos trabalhadores.

Nos últimos anos têm-se verificado a preocupação do Estado em reverter este quadro penoso de nossa Educação, com a **merenda** escolar gratuita, a construção de CIEPS, mas há uma necessidade de maior empenho por parte das autoridades responsáveis de se tornar a Educação REALMENTE uma meta básica da proposta governamental.

Além disto tudo, observa-se a total inadequação do que vai ser estudado com os anseios e as necessidades dos alunos.

De acordo com Rochefort (1976):

(...) "a criança em desenvolvimento, essa força da natureza, essa exploradora aventureira, é mantida imóvel, petrificada, confinada, reduzida à contemplação das paredes, enquanto o sol brilha lá fora, obrigada a prender a bexiga e os intestinos, 6 horas por dia, exceto alguns minutos de recreio. durante 7 anos ou mais."

A escola tradicional trata a todos da mesma maneira, todos devem ler o mesmo livro, o mesmo material, todos devem ter o mesmo ritmo de trabalho, todos devem aprender as mesmas palavras. Todos devem adquirir os mesmos conhecimentos, devem fazer os mesmos exames, ao mesmo tempo.

Conseqüentemente, como se pode querer que todos tenham o mesmo percentual de aprovação se cada um é uma pessoa diferente, uma individualidade com suas aptidões e dificuldades inerentes a seu ser?

uma escola que não percebe estas diferenças e não apresenta nenhuma atividade ou estímulo intelectual e social, só poderia levar a um índice de reprovação maciço.

Portanto, torna-se necessária a transformação do ensino para uma nova prática em que as pessoas envolvidas passem a entender e a respeitar a aprendizagem sob o ponto de vista da própria criança e não mais sob o enfoque do adulto, onde ela se torne o agente de seu processo de conhecimento.

como para haver uma mudança tem-se que começar pela base, iniciamos o trabalho com a 1ª série.

Conforme Ferreiro & Teberosky (1985):

"(...) a lecto-escrita tem ocupado lugar de destaque na preocupação dos educadores. Porém, apesar da variedade de métodos ensaiados para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não aprendem. Juntamente com o cálculo elementar, a lecto-escrita se constitui num dos objetivos da instrução básica, e sua aprendizagem, condição de fracasso ou sucesso escolar." (p. 15)

Tendo-se estas noções como básicas, começou-se a formulação de uma proposta de trabalho que atingisse os objetivos desejados.

2. PROPOSTA PEDAGÓGICA

com o firme propósito de melhorar a qualidade de ensino e diminuir o índice de reprovação, criou-se uma nova proposta de trabalho que têm como principais aspectos os seguintes itens:

- construção de uma prática pedagógica que permita ao aluno a decisão do que estudar e de que maneira;
- situações de aprendizagem que levem o educando a momentos de alegria e interesse, despertando o desejo de aprender e respeitando o momento histórico de cada um;
- utilização do maior número possível de atividades lúdicas que envolvam aprendizagem;
- continuação do trabalho desenvolvido na 1ª série, no ano posterior pela mesma professora, que já tem conhecimento prévio dos alunos e interação afetiva com os mesmos, sabendo das dificuldades de cada um, o que possibilita aos educandos que estejam na fase silábica, mas ainda não adquiriram total conhecimento necessário para serem considerados alfabetizados, o completarem na 2ª série, diminuindo o índice de reprovação e permitindo que os alunos aprendam de acordo com o seu ritmo de aprendizagem.

3 - ESTRATÉGIAS

Tentou-se propiciar situações de aprendizagem **que** levassem o aluno a despertar o desejo de ler e escrever, desenvolvendo oportunidades que respeitassem o conhecimento da forma como percebia a escrita, através da sua leitura particular de mundo.

Constatou-se que, como a maior parte dos nossos alunos já vêm da pré-escola onde se trabalha com o construtivismo, eles fazem perfeitamente a distinção entre o ato de desenhar (icônico) e o ato de escrever (não icônico).

Procurou-se então criar um clima de pesquisa em um contexto escolar rico em atos de leitura e de escrita, utilizando revistas, rótulos, crachás, jogos, livros, aos quais os alunos tinham acesso livre.

No início do ano, enfatizaram-se mais as atividades que envolviam os nomes, por ser uma aprendizagem muito significativa, partindo-se daí para oportunizar o primeiro contato com a escrita convencional.

Começou-se partindo do uso do crachá, desenvolvendo-se várias atividades, como:

- reconhecer seu nome em meio a um agrupamento de crachás espalhados sobre a mesa;
- reconhecer o nome dos colegas;
- **agrupar** os crachás pela letra inicial;
- copiar os crachás com os nomes dos colegas de um mesmo grupo, etc.

Exemplo de crachá

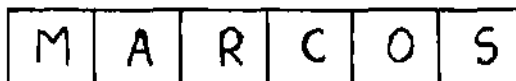


A partir daí, começou-se a fazer outras atividades envolvendo os nomes, como;

- formação do nome utilizando tampinhas de garrafas com as letras do alfabeto coladas dentro e confeccionadas pelos próprios alunos;



- formação de outros nomes utilizando as tampinhas;
- Bingo de Letras- cada aluno recebe uma cartela com seu nome. A professora sorteia as letras do alfabeto e os alunos marcam as letras que vão sendo sorteadas com pedrinhas, botões, etc. Ganha quem preencher sua cartela primeiro.



Os alunos começam a ampliar seus conhecimentos da língua escrita e percebem que aprender começa a ser gratificante, sentem cada vez mais necessidade de aumentar seus conhecimentos.

Este envolvimento vai tomando proporções tão grandes que os alunos saem à procura de coisas escritas, como se constata neste trabalho feito por um aluno em casa, que mesmo sem saber ler, copiou a história abaixo para dar à professora, tal o interesse e a vontade que tinha de aprender.

A PIPA DE POPÉ E MIMI
 AI ESTÁ! PRONTA PARA
 VOAR!

FICOU LINDA!
 OS DOIS AMIGUINHOS SAEM CORRENDO
 COM SUA NOVA PIPA.
 ELA VOOU TÃO ALTO QUE SE
 ENROZOU NUMA ÁRVORE.
 MAS PARA MIMI, NÃO É PROBLEMA
 PEGAR-LA.
 DESTAVEZ A PIPA CAIU NA ÁGUA
 E PÓRI VAI BUSCÁ-LA.
 EM CASA, OS DOIS POEM A PIPA
 PARA SECAR NO VARAL.
 ESTÃO CANSADOS MAS FELIZES.

(Texto do aluno Daniel, escrito no 1º mês do ano letivo)

como se verifica, vai crescendo a necessidade de aumentar seus conhecimentos e os alunos partem para a construção de outras palavras.

Monta-se então o alfabeto na sala de aula junto com os alunos e se começa o trabalho com jogos envolvendo letras e palavras.

Exemplos de jogos:

- a) Encaixes usando a letra inicial:



b) Encaixes envolvendo palavras:



c) Jogo "Soletrando" - Pequenos quebra-cabeças que ao serem montados formam o nome do desenho:



d) Boliche de letras - Utilizando garrafas de álcool vazias, cola-se letras em cada uma. Depois pede-se ao aluno para acertar com uma bola determinada letra.



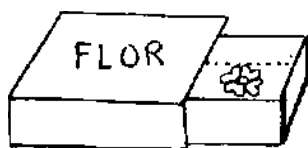
d) Jogo do chá - Utilizando os envelopes descartáveis de chá, escreve-se o nome de um objeto na parte de fora, que o aluno tentará ler. Depois, ele abre envelope que contém uma ficha com o desenho do objeto e verifica se leu corretamente.



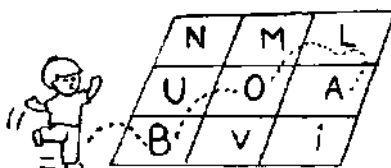
- e) Jogos de vispora - O aluno retira uma palavra de dentro de um saquinho e tem de colocá-la em cima do desenho correspondente em um tabuleiro. Ganha quem preencher seu tabuleiro primeiro.



- f) Jogos com caixinhas de fósforos - Nomes escritos na parte de cima. Alunos tentam ler e depois abrem a caixinha que tem no seu interior o desenho do objeto lido.



- g) Jogo do Pula-pula - São desenhados no chão utilizando giz, quadrados com letras. um colega diz uma palavra e o outro tem que pular nas letras que são necessárias para formar a palavra.

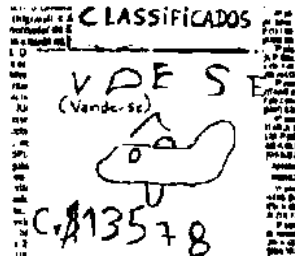


Ex.: Bola

Exemplos de outras atividades livres que são desenvolvidas:

- Matrizes com atividades sugeridas pelos alunos:
- Matrizes feita pelos próprios alunos.
- Peças teatrais com histórias inventadas por eles.

- Desenhos livres com construção de texto.
- Escrever cartas para os pais e colocar no correio.
- Confeção de jornais, criando notícias de moda, classificados, etc.



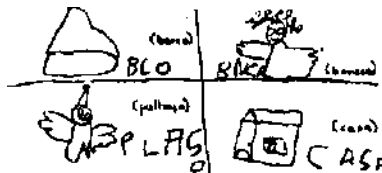
(Exemplo de trabalho feito pelo aluno Diego)

- Criação de um fichário - Os alunos fazem fichas em casa com o nome de um desenho. Depois em aula se organiza um fichário com as fichas colocadas em ordem alfabética, que fica na sala à disposição dos alunos para as utilizarem como fonte de consulta.



Ex.: de ficha

- Ditado de desenhos - O professor pede para os alunos dividirem uma folha em um determinado número de partes. Depois dita objetos que os alunos têm que desenhar rapidamente. Após, o professor pede para escreverem o nome dos desenhos.



(Obs.: Esta atividade auxilia os alunos que sentem dificuldade em desenhar coisas que não estão acostumados, desenvolvendo a parte artística.)

— Listagem sobre assuntos variados:

- a) lista de supermercado
- b) lista de animais
- c) lista de objetos da sala de aula
- d) lista de objetos do quarto, etc.

— Mapa do tesouro - Os alunos propuseram a invenção de um mapa do tesouro. Dividiram-se em grupos e cada um inventou um mapa diferente, colocando o nome das partes principais.

— Fichas de leitura feitas em chapas de raio-X. Os alunos escolhem as que querem ler e depois fazem a leitura para a professora.

Ex.:



Jogo do "Embaralhado" - Fichas contendo uma figura e as letras misturadas com o nome da mesma. O aluno tem que tentar escrever de maneira correta.

Ex.:



Jogo do dado: Os alunos sentados em círculos, o professor chama um aluno e pede que jogue um dado cujas facetas tem letras variadas. O aluno então tem que dizer palavras que comecem com a letra que caiu para cima.

As atividades de Ciências são realizadas de acordo com o interesse e a necessidade dos alunos, não seguindo um programa pré-estabelecido, e se verifica o quanto eles gostam de aprender e a criatividade das sugestões propostas para estudo.

como foram várias as atividades desenvolvidas, destacou-se as seguintes:

- a) O esqueleto humano - Os alunos propuseram este assunto. Levou-se um cartaz da anatomia do esqueleto, eles tentaram identificar as principais partes e depois a professora propôs uma atividade experimental sobre a descalcificação óssea.

Descrição da atividade experimental - Deixamos mergulhado um osso de galinha fresco, por alguns dias, em refrigerante; e verificamos que ficou mole e elástico. Os alunos chegaram a conclusão que isto se devia a dissolução do cálcio que existe nos ossos.

- b) Piolhos - Devido a um surto de piolhos na escola, os alunos se interessaram a discutir o que era o piolho, o que causava, etc.

Observaram um piolho utilizando lupa.

Montaram com a professora uma receita caseira para eliminação das lêndias, que anotaram no caderno para ensinar para os pais.

Receita: 2 partes de água - 1 parte de vinagre

Passa no cabelo e depois penteia com pente fino.

Esta atividade foi interessante porque permitiu evidenciar o objetivo maior da aprendizagem da escrita, que é a sua função social.

- c) Pesquisa sobre as características e o habitat dos animais, trazidos de casa ou coletados na praça em frente à escola.
- d) Sistema solar - Assunto sugerido pelos meninos. Trouxeram livros de casa para pesquisar o nome dos planetas e depois montaram o sistema solar.

e) Sombras que se mexem - Debate com os alunos através de uma série de perguntas como:

- Neste momento, em que estamos em aula, é dia ou noite? Por que vocês dizem que é dia?
- Quem ilumina a Terra durante o dia?
- O Sol nasce sempre no mesmo lugar?
- Por que os objetos produzem sombras?
- Por que as sombras mudam de tamanho e de forma à medida que o Sol anda no céu?

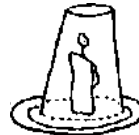
(Fazer o experimento no pátio da escola)

Fazer um mural dividido em duas partes, uma para o dia e outra para a noite.

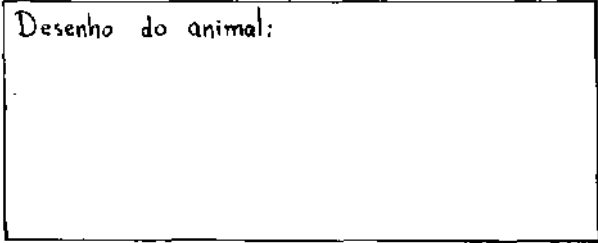
- f) Brincando com a lanterna - Entregar aos grupos a lanterna vazia e as pilhas e pedir que os alunos façam a lanterna acender. Solicitar aos alunos, que desenhem como estão colocadas as pilhas no interior da lanterna. Pedir para os alunos narrarem o que é necessário para a lanterna acender.
- g) Experimento com ar e fogo - Acenda uma vela e fixe-a sobre um prato. Cubra-a lentamente, com o copo de vidro.

Observar o que ocorre com a chama.

Levar os alunos a formar uma conclusão sobre a causa.



h) Observar animais e preencher fichas de observação.

Animal observado: _____					
Desenho do animal: 					
Mama	Sim	Não	Tem escamas	Sim	Não
Voa	Sim	Não	Tem asas	Sim	Não
Vive na água	Sim	Não	Tem dentes	Sim	Não
Vive na terra	Sim	Não	Tem bico	Sim	Não
Tem pelo	Sim	Não	Tem nadadeiras	Sim	Não
Tem penas	Sim	Não	Tem unhas	Sim	Não

As atividades de Matemática são sempre desenvolvidas de maneira informal, utilizando material concreto e jogos.

— Víspera: (Para reconhecimento dos números)

Alunos com cartelas, a professora diz os números e eles tem **que** marcar na carteia. Ganha quem preencher a carteia primeiro.

— Jogo do círculo - Vários círculos desenhados no chão, a professora diz um número, os alunos têm que se agrupar dentro dos círculos de acordo com o número indicado.

— Jogos de encaixe.



— Jogos com palitos de picole -

Ex.: A professora pede para cada aluno retirar de uma caixa 10 palitos. A partir daí, pede para separarem determinados números para verificar a noção de quantidade.

Depois que os alunos dominarem a noção numérica pode começar a sugerir pequenas operações como:

— Pega quatro palitos. Agora mais 2. Quantos ficaram?

— Pega 8. Retira 5. Quantos ficaram?

— Dominó - comprados prontos ou confeccionados pelos alunos.

— Atividades com blocos lógicos.

Todas as atividades explicitadas visam proporcionar um ambiente cultural rico em situações estimulantes ao raciocínio e ao espírito crítico, permitindo a interação das estruturas do pensamento de cada aluno para que haja uma construção gradual do conhecimento.

4 - DIFICULDADES ENCONTRADAS

Surgiram algumas dificuldades no decorrer do trabalho para o desenvolvimentos da nova proposta metodológica, sendo que a maior de todas foi a falta de seqüência que se sentia entre a 1ª e 2ª série.

Observou-se que os professores das demais séries, por falta de motivação ou despreparo sobre a metodologia, não continuavam o trabalho desenvolvido, formando uma barreira na aprendizagem do aluno.

Quanto ao grupo de alunos, surgiu mais um problema, que era o critério de avaliação. Verificou-se que um pequeno número de alunos, apesar de demonstrar um bom crescimento durante o ano letivo, não conseguiriam

adaptar-se a uma 2ª série tradicional pela ausência da continuação do trabalho que havia sido praticado, obrigando a professora a reprovar alunos que sabia que por um ou dois meses a mais de aula teriam se alfabetizado.

5 - RESULTADOS ALCANÇADOS E/OU ESPERADOS

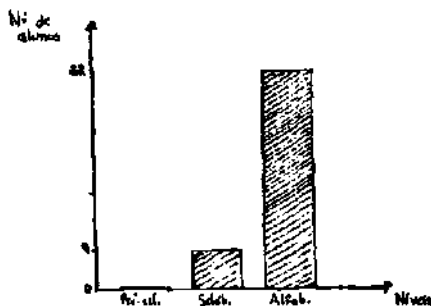
Verificou-se que nos anos em que se começou a trabalhar com o construtivismo, o índice de repetência diminuiu satisfatoriamente e a maior parte dos alunos que foram reprovados estavam na fase silábica, como se observa nos gráficos seguintes:

Ano -1990

Total de alunos: 26

Aprovados: 22

Reprovados: 4

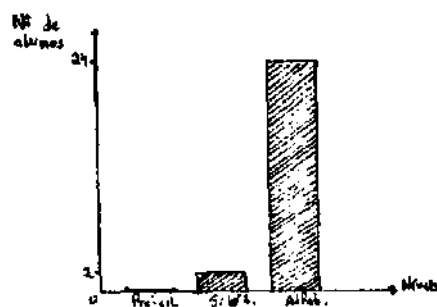


Ano-1991

Total de alunos: 26

Aprovados: 24

Reprovados: 2

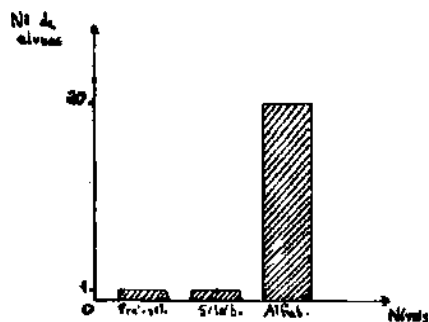


Ano -1992

Total de alunos. 22

Aprovados: 20

Reprovados: 2



Comparando os resultados obtidos, observa-se que os índices de aprovação tiveram uma melhoria significativa, apesar do nível socioeconômico da clientela escolar ter baixado bastante nestes últimos anos.

Ainda se percebe que a grande parte dos alunos reprovados ao final do ano letivo eram silábicos, sendo uma questão de tempo sua alfabetização, caso fossem respeitados o ritmo próprio e a individualidade do educando.

O único aluno que não atingiu a fase silábica era portador de problema neurológico grave, tendo sido encaminhado para classe especial.

Notou-se também uma melhoria na qualidade de aprendizagem ao final do ano quanto à produção escrita, leitura, atitudes críticas e raciocínio, inclusive em alunos de meio econômico mais baixo, como se observa nos trabalhos seguintes.

Exemplos de textos produzidos por alunos ao final do ano que foram transcritos em matriz pela professora para que cada um recebesse um exemplar:

○ macaco caçador

Era uma vez um macaco caçador de borboletas.

○ chefe dele era um caçador muito brabo; ele matava um monte de bichos, principalmente ternerros.

Deus não gostou e mandou uma porção de maribondos picar ele e o macaco.

FIM

Autor: Mathews

○ coelhinho

○ coelho se chama Sapeca.

Sapeca pula, canta e ri.

As vezes a noite ele pula a corda. Ele come cenoura.

Ele também come queijo.

Ele é danadinho e come tudo o que vê pela frente.

No Natal ele fez uma árvore de cenouras.

FIM

Autora: Sara Maria

A galinha

A galinha foi botar ovo e a galinha botou ovo e saiu o pintinho.

Ele foi passar com a mamãe e o papai.

Foi para Pelotas e para Rio Grande com a mamãe, o papai, a vovó, o vovô, a tia e o tio.

Autor: Leonardo

O Papai Noel

Era uma vez um menino chamado Dudu.

Ele achou na rua um gorro vermelho com um pompom branco.

Ele estava andando na rua de casa.

Dudu viu o Papai Noel.

Ele chamou o Dudu para dar um presente de Natal, e deu uma bicicleta.

Autora: Elisabete

A menina

A garota foi ao colégio estudar.

O carro não obedecia e quase atropelou a menina.

Ela machucou o pé, foi em casa para casa, chorou tanto que a lágrima caiu no pé dela e o curou.

Autora: Gilmaria

A casa

Era uma vez uma casa velha e abandonada no meio do mato e depois de muitos anos veio um leão e uma leoa e ficaram na casa.

O leão e a leoa não se comediavam ninguém.

FIM

Autor: Anderson

Analisando-se as produções observou-se a evolução das crianças em sua caminhada da apropriação da escrita, a criatividade e a lógica demonstrada para a construção dos textos.

CONCLUSÃO

Desde que se começou o trabalho, verificou-se que o fator social não interferiu em momento algum na aprendizagem e se alguns alunos demoraram mais tempo, acabaram construindo o conhecimento necessário para serem aprovados.

Percebeu-se que a maioria dos alunos reprovados se encontravam na fase silábica, o que levou a repensar sobre a proposta de trabalho anterior, levando a idéia de continuar o trabalho desenvolvido na 1ª série com os mesmos alunos na série seguinte para atender o ritmo próprio e, como consequência, diminuir o índice de reprovação.

como só este ano ficou resolvido desenvolver esta proposta, só obteremos os resultados definitivos ao final do ano que vem, mas as expectativas são animadoras, pois vai se oportunizar a estes alunos um pouco mais de tempo para completarem sua alfabetização, sem, no entanto, retardar o crescimento dos demais alunos.

Percebeu-se também que a prática construtivista vem alcançando grande sucesso para diminuir os índices reprobatorios, mas é imprescindível que os professores sejam comprometidos politicamente com a educação para contribuir para um ensino público de qualidade.

Sabe-se que a jornada é longa, mas os educadores de hoje, tem que valorizar sua profissão e lutar por uma sociedade mais justa, independente de classes sociais, onde o pobre e o rico possam ter acesso aos meios de cultura na busca do conhecimento.

A proposta pedagógica apresentada é passível de reformulações, não está totalmente acabada, mas se espera que de alguma forma, possa contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM. Secretaria de Educação, Diretoria Pedagógica. Porto Alegre, 1992.
- BATTRO, Antônio M. Dicionário Terminológico de Jean Piaget. São Paulo. Pioneira, 1978.
- CONDEMARÍN, Mabel et alli. Maturidade escolar. Rio de Janeiro, Enelivros, 1986.
- FERREIRO, Emilia & TEBEROSKI, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- GROSSI, Esther. Didática do Nível Alfabético. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GRUPO DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO - Metodologia de Pesquisa e Ação, Alfabetização em classes populares, 4ª ed. Porto Alegre kuarup, 1988.
- HARPER, Babette et alli. Cuidado, escola! 12ª ed. Ed. Brasiliense, São Paulo.
- MEDIANO, Zélia de. Avaliação da aprendizagem na escola de 1º Grau. Educação e Seleção, São Paulo, 16:11-20, Fundação Carlos Chagas, Jul/Dez. 1987.
- REVISTA NOVA ESCOLA. Anos IV e V, Fundação Victor Civita.
- ROCHEFORT, Christiane. Les enfants d'abord. Paris, 1976.
- SANTOS, Jussara. A Avaliação da Escola Aberta. Curitiba, 1988.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)